

BOLETIM

Departamento de Psicanálise da Criança

Edição Especial
10 anos de Departamento
de Psicanálise da Criança



ANO V Nº 12
Outubro 2007

FICHA TÉCNICA

EDITORA RESPONSÁVEL:
Denise de Sousa Feliciano

EQUIPE EDITORIAL:
Alessandra Barbieri
Elcio Mascarenhas
Elsa Vera Kunze Post Susemihl
Fernanda Mara Colucci Fonoff
Márcia Schivartche Rozemberg

PLANEJAMENTO E REALIZAÇÃO:
Setor de Comunicação & Publicações do Departamento
de Psicanálise da Criança do Instituto SEDES Sapientiae

TIRAGEM:
700 exemplares

DISTRIBUIÇÃO:
Interna

PROJETO GRÁFICO & DESIGN:
Matt Comunicação & Design

GRÁFICA:
MB Artes Gráficas

DESENHO DA CAPA:
Elisa de Souza Feliciano Monteiro (10 anos)
Thais de Souza Feliciano Monteiro (12 anos)

Título: O Tempo
Técnica: guache sobre papel.



DEPARTAMENTOS	Notícias	05
	Comunicação & Publicações	06
	Cursos	07
	Clínica	11
	Eventos	16
	Extensão	20
DÍALOGOS	Psicanálise visita arte-literatura Fernanda Maria Colucci Yudith Rosenbaum	22
	Ressonâncias Elsa Vera Kunze Post Susemihl	32
ENSAIO	...e o dia durará quanto queiras Denise de Sousa Feliciano	34
PERFIL	O Perfil do Departamento por seus Membros	36
CONFERIR	CULTURAL Ingmar Bergman	38
	PSICANALISTA Sílvia Bleichmar	40
EM FOCO	ACONTECEU	42
	ANOTE	43
CANAL ABERTO	Tempo para comemorar Bernardo Tanis	44

EDITORIAL

DENISE DE SOUSA FELICIANO

Essa edição especial do Boletim - por ocasião dos 10 anos de fundação do Departamento de Psicanálise da Criança - apresenta-se com novo layout, compondo com o Evento Comemorativo de Aniversário o caráter de "rito de passagem". Levamos uma década para construir um espaço de formação continuada e interlocução sobre as especificidades do trabalho psicanalítico com crianças, em suas variadas possibilidades de inserção.

Tempo, substantivo que tem nos acompanhado em sua imensa rede de sentidos:

Tempo de início
Tempo de espera
Tempo agitado, falta de tempo
Tempo de guarda
Lapso de tempo
Tempo de choro
Tempo de perdas, perda de tempo
Tempo que passa e o que passa com o tempo
O tempo maduro e o que se perdeu no tempo
Tempo de discórdia e reconciliação
Tempo das horas, tempo atrasado
Tempo precoce
Tempo de partir e de repartir
Tempo de falar e de calar
Tempo da escuta e de se escutar
O tempo-criança, a criança em seu tempo
O tempo da criança
E de tempos em tempos revermos
A nossa criança no tempo

E foi "brincando" com tempo e sofrendo por vezes com o pouco tempo que fizemos esta edição do Boletim, para registrar em retrospectivas o nosso percurso nesse tempo e marcar esse nosso tempo de festa!

Foi um trabalho a muitas mãos, em contribuições representando todo o departamento, conduzido e lapidado pelo corpo editorial, que trabalhou exaustivamente para que a edição saísse a tempo.

Além da presente edição, o Setor de Comunicações & Publicações em parceria com o Setor de Eventos planejou e organizou o Evento Comemorativo que harmoniza com o Boletim abordando o tema Temporalidade.

Junto com o Departamento, Boletim completa quatro anos de existência com visíveis sinais de amadurecimento. Para nós tem sido um imenso prazer desenvolver esse trabalho, que muito tem nos ensinado sobre a prática editorial e o trabalho em equipe. Nós: Alessandra, Elcio, Elsa, Fernanda, Márcia e eu, funcionamos como uma orquestra afinada, e é o que se reflete na própria edição que temos tanto orgulho de apresentar!

COORDENAÇÃO GERAL

MARCIA REGINA PORTO FERREIRA

Dez anos de fundação do Departamento de Psicanálise da Criança. Tempo de irmos contando a história da construção de um espaço de pertinência, reflexão e produção.

Em 1997, no anfiteatro do Instituto Sedes Sapientiae, foram lançadas as sementes para os frutos que hoje colhemos, após um intenso trabalho de semeadura realizado por muitos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Psicanálise da Criança. Hoje já podemos ampliar o quadro dos lavradores desse campo. Distintos psicanalistas, vindos de outras fazendas, podem agora desfrutar e colaborar com essa empreitada.

Naquela época, éramos bem poucos, parece que em torno de apenas 20 membros, mas muito empenhados. Hoje, perto dos 100 membros, em quase sua totalidade trabalhando concretamente em algum setor, já podemos nos aventurar a muitas realizações.

Nesse número especial do Boletim, os diversos setores descrevem suas atividades ao longo desses anos.

Enfocarei mais particularmente e brevemente a coordenação do Departamento, composto por coordenadores dos diversos setores que o compõem.

A Coordenação Geral (CG), eleita em assembléia geral no final do ano passado, terá sua gestão por dois anos, podendo haver reeleições individuais. A atual coordenação, privilegiada por tantas comemorações e realizações, é composta por:

- **Marcia Regina Porto Ferreira**
(Coordenação geral)
- **Lia Rudge**
(Secretária da Coordenação)
- **Afrânio de Mattos Ferreira**
(Tesoureiro)
- **Ada Morgenstern**
(Eventos)
- **Adela Judith Stopell de Gueller**
(Curso)
- **Alessandra Barbieri**
(Clínica e Pesquisa)
- **Denise de Sousa Feliciano**
(Comunicação e Publicação)
- **Elsa Vera Kunze Post Susemihl**
(Extensão)

Temos avançado bastante no sentido de construir e consolidar um espaço de pertinência, reflexão e produção. Prova disso é o relato de tantas realizações que esse Boletim (um dos valiosos produtos desses esforços) deixa transparecer. Nossas realizações têm primado pela seriedade, pela dedicação, permeado por muito prazer em sua execução.

Estamos muito orgulhosos e gratificados pelas conquistas alcançadas, sabedores de que o campo da Psicanálise com crianças é muito vasto, complexo e instigante.

Nosso setor é o caçula da família! Tem apenas quatro anos, sendo que o primeiro ano funcionou em caráter experimental como Comissão de Comunicação e Publicações.

Relendo os antigos Boletins, particularmente o nº 1, vejo o quanto caminhamos nesse período.

Em maio de 2003, o Setor de Eventos, encampando a preocupação sobre o esvaziamento de seus membros e alunos nas diversas atividades do Departamento, promoveu o "Fórum Interno do Departamento" para - com seus poucos membros atuantes - buscar alternativas que pudessem solidificar um departamento que se mostrava muito enfraquecido por sucessivos projetos frustrados, em virtude de serem iniciativas muito pouco uníssonas.

A mobilização que ocorreu nesse fórum foi tão significativa que o setor decidiu registrar o fato, produzindo o Boletim do Setor de Eventos, com grande empenho pessoal da então coordenadora do setor, Dione Maria Pazzetto Ares. Era um projeto pontual, mas trazia traços visíveis de consolidação, em resposta à demanda até então latente da necessidade de termos canais de comunicação e visualização dos projetos realizados em nosso grupo e de nossos membros em outras esferas psicanalíticas. Embora fôssemos poucos, pouco sabíamos de nós.

Além disso, havia muita história já vivida, mas quase nada documentado. Nosso percurso histórico se mantinha na memória de nossos membros fundadores, com risco de se perder com o tempo.

Com a repercussão favorável do Boletim nº 1, criou-se uma subdivisão no Setor de Eventos

para publicação periódica do Boletim que em seguida ganhou corpo próprio como Comissão de Comunicação e Publicações, e desenhou um projeto gráfico que acolhesse as várias faces do departamento, lançado em Junho de 2004, com a edição nº3. Na época éramos três: Alessandra Barbieri, Élcio Marcarenhas e eu. Tínhamos grande entusiasmo e prazer em resgatar nossa história através das entrevistas, e em nos revezarmos para escrever as diversas seções das primeiras edições, pela falta de hábito dos membros em ter um espaço constituído para a escrita.

Foi na Assembléia Geral Ordinária em dezembro de 2004, que a então comissão tornou-se setor. A edição nº5 reflete visualmente essa ampliação, trazendo o dobro de páginas e inaugurando as seções DIÁLOGOS - que buscava a interlocução para além dos "muros" do Departamento - e CANAL ABERTO.

A equipe editorial também foi ampliada nessa ocasião, com a adesão de Elsa Vera Kunze Post Susemihl e posteriormente com Fernanda Colucci Fonoff e Márcia Rozemberg.

Com esta edição, completamos 12 números e o Boletim é hoje reconhecido canal de comunicação, divulgação e interlocução entre nós - membros do Departamento - e com colegas de outras esferas psicanalíticas. Tivemos Diálogos instigantes com Daniel Delouya, Di Loreto, Myrna Pia Favilli, Marie Christine-Laznik, Alicia Lisondo, Domingos Infante e Yudit Rosenbaum.

É uma satisfação fomentar a comunicação entre nós e estamos desenvolvendo também um site, que a torne dinâmica.

Há cem anos, chegaram ao Brasil, as cónegas Agostinianas que iniciaram, aqui, atividades cuja vertente educacional deu origem ao "Sedes Sapientiae", que iniciou como Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae em 1933 e, já em 1948, instituiu simultaneamente - um curso de Especialização em Psicologia Clínica e uma Clínica Psicológica -, núcleo do que viria a ser sua Faculdade de Psicologia, que iniciou em 1963 e encerrou suas atividades em 1974¹.

Prosseguindo em sua vocação, o Sedes se reinaugura em 1977 como Instituto de Especialização² e comemora, em 2007, seus 30 anos, reafirmando-se como um espaço aberto para projetos de caráter formativo-educacional, voltados a fundamentar e instrumentar práxis que se traduzam em participação efetiva na transformação social. Ainda que nossa realidade atual contemple novas questões, valem ainda, as palavras de Madre Cristina, "filha pródiga" dessa Congregação - que concebeu e colocou em marcha esse projeto - : "O Instituto Sedes Sapientiae é um espaço aberto aos que quiserem estudar e praticar um projeto para a transformação da sociedade, visando atingir um mundo onde a justiça social seja a grande lei"³ (1977).

Nosso Departamento de Psicanálise da Criança também comemora, em 2007, seu décimo ano em atividade e, neste ano, completamos ainda, nossos 10 anos como Curso de Psicanálise da Criança no Instituto Sedes Sapientiae, propondo iniciar uma formação que privilegia a psicanálise com crianças.

A clínica com crianças marca esse projeto desde seu início e algumas das vicissitudes da instituição dessa atividade podem ser acompanhadas na história de nosso curso, que inicia em

tempos nos quais a Psicologia e também a Psicanálise estavam se construindo como campos de intervenção e formação, procurando ao mesmo tempo, seu reconhecimento social no Brasil.

Há décadas atrás, em meados dos anos de 1950, o curso já acontecia, na então Clínica Psicológica da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Sedes Sapientiae, como parte do curso de "Psicodinâmica"⁴. A área de psicodinâmica infantil visava uma especialização em Psicologia clínica para profissionais que na época se ocupavam das crianças, os médicos e pedagogos: nosso tempo ancestral, em que a criança é vista sob uma ótica, sobretudo, "puericultora". Tempo de abertura que se desdobra na criação das primeiras Faculdades de Psicologia.

¹ Durante essa década, o curso de graduação em Psicologia co-existiu no Sedes, com esse curso inicial de Especialização em Psicologia Clínica, que equivalia a uma pós-graduação "latu sensu".

² O Sedes Sapientiae é uma das instituições educacionais que pertence à Associação Instrutora da Juventude Feminina, estabelecida em 1907 e administrada pelas Cónegas Regulares de Santo Agostinho. Os projetos desenvolvidos no Instituto são autônomos e respondem em nome próprio, sendo balizados por sua Carta de Princípios. Sua relação atual com a Associação é de caráter administrativo.

³ O Instituto Sedes Sapientiae foi definido paradoxalmente, desde seus inícios por Madre Cristina como "a convergência das divergências". Assim, convivem aqui: Cursos e Departamentos que reúnem estudiosos e especialistas da área "psi" em diferentes abordagens; centros voltados à reflexão filosófica e à educação popular; uma clínica psicológica, bem como entidades que dão voz a grupos considerados "excluídos ou excluídos" do ponto de vista político e social.

⁴ Na história da implantação da Psicanálise em São Paulo, C. Lúcia Valladares (2006) faz referência às Clínicas de Orientação Infantil, da Secretaria da Educação do estado de S. Paulo, que já na década de 1940 praticavam "intervenção" com crianças que seguem duas orientações: a do emprego de técnicas específicas, circunscritas à psicométrica, procurando uma solução mais racional aos problemas de conduta e personalidade das crianças e outra, qualificada como visão psicodinâmica - que aderindo às primeiras idéias freudianas e kleinianas -, acentuava o caráter psicossocial do tratamento, que representava o aspecto subjetivo da cultura, constitutivo da personalidade do indivíduo. A primeira destas orientações caracterizou as atuações de nossos/as primeiros/as "psicólogos/as clínicos". Quanto à segunda, foi a que orientou profissionais que se nomeando "visitadores psicologistas" ou "psicanalistas" e até mesmo "psicoterapeutas", viriam a ser nossos/as primeiras psicanalistas, caso de Virginia L. Bicudo, uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Psicanálise/SP (integrada à IPA, em 1951). Ela viria a ser analista de alguns dos primeiros professores do Sedes que participaram desse curso de "Psicodinâmica". A área de "Psicodinâmica Infantil" - provavelmente inspirado nessas atuações nascentes - mesclava as duas orientações e era coordenada por Haim Grunspan.

Haim Grunspan foi um dos primeiros psiquiatras infantis de S. Paulo e participou de cursos sobre "ludoterapia" com Telma Recca, uma das analistas pioneira na clínica com crianças na Argentina. (Ver depoimento em "Histórias e Memórias", documento publicado em 1997, como comemoração aos 20 anos de existência do Instituto Sedes Sapientiae)

Nas décadas de 1960 e 70, o panorama da formação se modifica com a inclusão dos cursos universitários de Psicologia e o reconhecimento da profissão de psicólogo, além da efetividade da institucionalização da Psicanálise, que permitiu sua difusão. A divulgação do pensamento kleiniano já permitia uma intervenção com crianças, considerando a "realidade psíquica" da criança, suas fantasias e suas angústias; mas essa atuação ainda era proposta no curso como uma visão psicológica complementar à médica que, mesmo atentando ao sofrimento psíquico, toma o sintoma como sinal de desequilíbrio e desarmonia que, sendo extrínseco ao sujeito, é tratado e curado. A psicanálise que se apresentava nesse horizonte é reconhecida, sobretudo, por sua dimensão técnica, em que a "play technique" kleiniana permitiu uma aproximação ao universo da criança, através de uma linguagem que lhe é própria, o brincar e o jogo.

O curso atravessou a década de 1970 como curso de "Psicodinâmica Infantil (Ludoterapia)", ministrado por uma equipe multiprofissional de docentes, composta por psicólogos, psicanalistas, psiquiatra e neurologista. A perspectiva proposta era a da complementaridade das disciplinas, almejando alcançar uma visão "integrada" e uma ação "integradora" sobre a criança.

Também nessa época, a Psicanálise, que em seus inícios vinha sendo disciplina fundamental do currículo universitário, cedeu espaço a outras psicologias e se albergou em sua instituição específica, a Sociedade e seu Instituto. Movimento de defesa das fronteiras psicanalíticas e da especificidade de sua formação, mas que ocasionou também sua "feudalização".

O curso Psicoterapia de Orientação Psicanalítica,

que se inicia em 1977 com a inauguração do Sedes como um Instituto de Especialização, e também o movimento lacaniano, que se processa nos meios acadêmicos e intelectuais, viriam a constituir espaços alternativos na "feudalização" da formação psicanalítica que ocorria naquele momento: tempos da formação dos analistas que vieram a se agregar ao nosso curso em meados da década de 1980, e que viriam a referendar a Psicanálise como teoria que embasa nosso fazer clínico.

A partir da década de 1990, iniciamos assim, em nosso curso, uma interlocução sistemática com Freud, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan, Mannoni – com suas interrogações e com as teorizações de suas experiências na clínica com crianças. Tributários dessa matriz psicanalítica, vimo-nos lançados à questão da subjetividade e analisabilidade das crianças, o que redirecionou o foco do curso e impôs sua nova denominação como "Psicoterapia Psicanalítica da Criança": começamos a transitar efetivamente pelos caminhos que foram sendo construídos pela Psicanálise para lidar com as crianças que sofrem ou têm seu desenvolvimento inibido; têm medo, se opõem e, em alguns casos, não conseguem brincar ou mesmo falar.

¹ Esse curso é fundado por iniciativa de Roberto Azevedo e Regina Chnaideman e sua denominação como curso de Psicoterapia, indica os conflitos em relação ao campo científico e psicanalítico da época. Em 1979, ocorre uma cisão dentro desse curso, e o Instituto Sedes passa a oferecer dois cursos de Psicanálise, hoje designados como "Psicanálise Teoria e Clínica" e "Formação em Psicanálise".

O curso Psicanálise – Teoria e Clínica propôs uma formação alternativa à oficial (IPA), questionando suas "normatizações", embora mantendo o tripé da formação (análise, estudo teórico e supervisão). Propôs também como uma de suas vertentes, a identificação aos movimentos do campo social, pretendendo ampliar a clínica psicanalítica visando pesquisas de intervenção em campos diversos como grupo, psicanálise de crianças e, também, o diálogo com outras produções e práticas do campo da cultura. ("História do Departamento de Psicanálise" – Instituto Sedes Sapientiae, 2006).

O curso de Formação em Psicanálise propõe-se também como formação alternativa. Apresenta-se também, como orientado, sobretudo, por vertentes freudianas e kleinianas. (Depoimento do Curso, in "Histórias e Memórias", 1997).

² Em 1975, criou seu Centro de Estudos Freudianos.

³ Parte da equipe atual de professores vem desta formação psicanalítica iniciada no Sedes, embora esteja inserida ou filiada, atualmente, também a outras instituições.

O território de "não-saber", a que os encontros com crianças nos introduzem, foi causa de novas leituras teóricas interrogando sua constituição como sujeito psíquico e os avatares desse percurso. Por isto, nos pareceu fecundo, apesar da tensão inerente a esta proposição, mantermos uma interlocução com diferentes concepções psicanalíticas sobre a criança, afinando nossa escuta analítica. Não almejávamos mais uma síntese e sim, afinar perguntas que pudessem produzir novas significações e acompanhar seus efeitos.

Ensinar ou transmitir psicanálise, não é um ato unicamente de caráter pedagógico: interrogações sobre os conceitos fundamentais e necessários ao processo de formação passam pela experiência da própria análise e por um processo de elaboração da clínica. Inclui ainda a interlocução entre pares e também aquela com outros âmbitos institucionais e/ou sociais.

Nosso currículo foi se transformando. Passamos também a realizar encontros com outros profissionais sobre temas da psicanálise da criança, tanto quanto encontros interdisciplinares com profissionais de áreas afins; atividades que só puderam ser realizadas com a colaboração de alunos e ex-alunos do curso (para uma noção mais acurada dessas atividades, ver o texto do setor eventos neste Boletim).

Apesar das dificuldades e questionamentos que implicam uma institucionalização, a organização de um Departamento como um espaço de pertinência de nossos profissionais formados e que possibilitasse interlocuções, reconhecimento e a continuidade da formação, foi consequência inevitável nesse novo percurso: chegamos a 1997, ano de criação do Departamento de

Psicanálise da Criança, designação que passou também a ser a de nosso curso.

Os momentos iniciais do Departamento foram conduzidos pelos docentes do Curso, que elaboraram seu anteprojeto e seu primeiro Regimento Interno, além de virem a ocupar os lugares de Coordenação, tanto do Departamento como dos Setores que o compunham.

Ao longo desses dez anos, nosso jovem Departamento vem se ampliando e emancipando: seus atuais membros organizam, desenvolvem e coordenam atividades.

Interrogações e novas questões que têm se apresentado passam agora, em muitos momentos, por realizações conjuntas do Setor Curso com outros setores do Depto, caso de alguns eventos e jornadas, como:

- A Psicanálise com Crianças na Contemporaneidade - Recortes Clínicos (2004) e Extensões da Clínica (2006). No primeiro, os palestrantes - professores do curso -, apresentaram questões de sua clínica com crianças e no segundo, discutiram fronteiras da clínica de crianças com outras áreas de intervenção. Ambos os eventos foram dirigidos a um público externo.
- I Jornada Interna com apresentação de trabalho de membros, e monografias de alunos (2004) e II Jornada Interna que privilegiou monografias produzidas por alunos do Curso (2005).
- Evento Interno: "Formação Psicanalítica, Formação no Departamento de Psicanálise da Criança e Regulamentação da Psicanálise"

(2005), com a composição de uma mesa de professores, que abordou questões e posições frente ao tema complexo da regulamentação da Psicanálise.

Vimos participando de encontros produzidos por outras instituições e também, temos promovido encontros com analistas de outras instituições, que vêm compartilhar conosco relatos de sua clínica, realizando apresentações a nossos alunos: os "Encontros Clínicos". Passamos assim, de uma etapa, sobretudo, de estudos e reflexão, para um momento de apresentação de nossas produções e de interlocuções com outras produções, dentro e fora de nosso Departamento.

Para finalizar, Adela Stoppel de Gueller, atual Coordenadora do curso nos traz uma boa nova: "No início de 2007, os professores iniciaram a elaboração de um livro de introdução à Psicanálise com Crianças. Um convite feito pela Editora Casa do Psicólogo viabilizou esse projeto, hoje em fase de finalização. Ao longo deste ano, o trabalho de escrita dos diferentes capítulos manteve os professores num diálogo fecundo, resultado de todos esses anos de transmissão fundamentalmente oral. O livro reflete boa parte do "currículo" atual do curso de especialização - por esse motivo as diferentes correntes dentro da psicanálise estão representadas -, mas também nos levou para além dele, possibilitando incluir nossa própria história na história da Psicanálise com Crianças. Do mesmo modo que, no curso, o objetivo desta produção é introduzir um modo de pensar e questionar o saber sobre a criança que a psicanálise nos aporta, dando uma ênfase especial à clínica. A meta é que cada um possa construir um modo singular de apropriar-se das linhas mestras que guiam sua

prática e, para nós mesmos, um modo de poder continuar a interrogar-nos sobre a possibilidade de fazer da transmissão uma prática eficaz".

Equipe Docente Atual (2007):

Ada Morgenstern
Adela Judith Stoppel de Gueller
Afrânio de Matos Ferreira
Audrey Setton Lopes de Souza
Bernardo Tanis
Elsa Vera Kunze Post Susemihl
Lia Pitliuk
Magaly Miranda Marconato
Maria Dias Soares do Amaral
Maria do Carmo Vidigal Meyer Dittmar
Maria José Porto Bugni
Márcia R. Porto Ferreira
Mary Ono

Mary Ono

No evento de fundação do Departamento, nos idos de 1997, seus diversos setores tiveram a palavra, pronunciando-se fundamentalmente sobre o que estava por vir. Márcia Porto Ferreira falou pelo setor então denominado "clínica", frisando que "esse setor, ainda não constituído, urge se formalizar".

Dez anos depois, cá estamos, sonhando, planejando, construindo possibilidades de tornar o fazer clínico e a pesquisa cada vez mais presentes no Departamento, proporcionando, por um lado, modos e locais de inserção para nossos membros fazerem psicanálise, e por outro, aproximando-nos com maior propriedade das questões da infância e da comunidade em seu entorno.

Apesar de sua história ainda bem curta, esse setor já produziu projetos dinâmicos, que exigiram fôlegos de seus participantes, e que contaram com a adesão de muitos membros do Departamento. Foram eles: Rede de Atendimento Psicanalítico, uma iniciativa de incentivo à clínica particular de seus analistas como complementação de suas formações; Grupo Mídia, que visava trabalhar o espinhoso tema da pertinência (ou impertinência) do psicanalista participar da cena pública em questões de relevância social, a partir da mídia; Grupos de Reflexão Teórico-Clínica, constituídos de reuniões pontuais, coordenadas por profissionais convidados, com temas escolhidos pelos próprios participantes, centradas em questões específicas advindas do trabalho clínico

Atualmente, o setor Clínica e Pesquisa direciona suas metas para a abertura de espaços nos quais a experiência teórico-clínica dos membros do Departamento seja contemplada, fomentando produções das mais variadas, sempre com o

foco na criança e seu entorno, abrangendo pesquisas sobre temas específicos, bem como a criação de espaços de atendimentos variados na própria instituição ou frutos de possíveis intercâmbios com outras instituições, tais como hospitais, hospitais-dia, escolas, creches, abrigos.

Iniciado em junho de 2003, o projeto "*Criando em Roda*" organiza grupos de discussão teórico-clínica, norteados pela prática. Hoje, ele abriga o "*Grupo Laço – Clínica Psicanalítica da Intervenção*" Precoce com Bebês – cuja história é relatada nas próximas páginas por seus integrantes – e está aberto a novas rodas.

Os membros desse setor recém-iniciaram ainda a criação de um banco de dados virtual de bibliografia sobre pesquisa em psicanálise. A intenção é fomentar essa discussão entre os participantes do setor e propor, futuramente, debates mais ampliados ao Departamento sobre esse tema.

Fazem parte ainda desse setor o "*Grupo Acesso: Estudos, Intervenções e Pesquisa em Adoção*", que se dedica ao estudo e à intervenção de situações de quebra de laços entre a criança e seus pais e das vicissitudes daí decorrentes na constituição da subjetividade; e o "*Espaço Potencial*", grupo recém-aloado nesse setor, que se dedica ao estudo e à discussão da teoria e da clínica do psicanalista Donald W. Winnicott. Ambos contam suas histórias dentro do Departamento nas páginas a seguir.

Por fim, lembro que, desde o ano passado, uma parceria do setor Clínica e Pesquisa com o setor Curso e o setor Eventos coordena o "*Encontros Sobre a Clínica com Crianças*". Trata-se de um espaço para escutarmos colegas de outras

Quando fomos solicitados a contar a história do Grupo Laço para este Boletim, ficamos pensando: "o que se conta?"

Conta-se algo que já existe no desejo, algo do desejo que está se realizando ou, algo do desejo que já foi realizado?

O grupo Laço surgiu do desejo de muitos em estudar e trabalhar na clínica de bebês, a partir de uma demanda de alguns alunos ao Departamento de Psicanálise da Criança. Sua primeira constituição, que data do segundo semestre de 2003, contou inicialmente com a valiosa energia de Cecília Comparato como incentivadora dessa idéia de estudar os bebês. Como bebês ainda, na sua primeira fase de oralidade, as atividades consistiram em beber, sugar, comer os livros que se ocupavam da clínica de bebês. Sua formação inicial, basicamente de alunos do curso de Psicanálise da Criança, foi a de um grupo de estudos que buscava apoio em profissionais dessa área, desejosos de interlocuções com adultos mais experientes.

Em 2004, ocorreu a entrada de novos membros, dessa vez ex-alunos do Curso e, o grupo, incentivado por professores como a Adela S. de Gueller, dentre outros, foi buscando um maior direcionamento para suas ações. Nessa ocasião, o grupo, que ainda não tinha um nome próprio (NOME: denominação – palavra que designa pessoa, animal ou coisa. PRÓPRIO: pertencente, adequado) batizou-se de "Grupo Laço: Clínica Psicanalítica da Intervenção Precoce com bebês", com o objetivo inicial de estudar, discutir e pesquisar sobre esse campo, com vistas à intervenção.

Ao ter um nome e, portanto, se fazendo mais

"existir", foi adquirindo representabilidade junto ao Departamento. Importante contribuição foi dada pelo Grupo Acesso, quando, em 2005, firmou-se parceria entre os grupos, e o Grupo Laço atuou num abrigo junto aos bebês para identificar as condições de saúde psíquica destes. Ressalta-se como essa parceria com o Grupo Acesso possibilitou a primeira "marcha" do Grupo Laço, pois, decorrente desse trabalho, resultaram apresentações em Jornadas, Simpósios e curso de Especialização.

Atualmente, o Grupo Laço apresenta nova configuração, condizente com a equipe que passou a fazer parte dele: Stephania Batista (ex-aluna), Daniela Tescari e José Francisco Motta (ambos pediatras e alunos do 3º ano do Curso de Psicanálise da Criança), além das representantes da primeira etapa, Luciana Lima e Mara Evangelista. Em função dos interesses atuais, o Grupo vem desenvolvendo estudos e projetos com vistas à intervenção em Unidades Neonatais.

Continuamos em marcha e esta caminhada tem sido prazerosamente compartilhada com nossos antigos e atuais mestres, com os quais podemos dividir nossas inquietações e contar com o apoio e estímulo. Particularmente, agradecemos à Profa. Márcia Ferreira que muito tem nos incentivado e apostado em nossas possibilidades. Agradecemos, ainda, a colaboração do setor clínico do nosso Departamento, com o qual sempre pudemos contar em nossos momentos mais institucionais e burocráticos.

Maria Lúcia Evangelista

ESTUDO, INTERVENÇÕES E PESQUISA SOBRE ADOÇÕES

COMO SURTIU O GRUPO ACESSO?

Surgiu do interesse de três psicanalistas, Marcia Porto Ferreira, Maria Helena Hessel (Nena) e Maria Luiza Ghirardi (Malu), de fundar, na Clínica do Sedes, um projeto que se debruçasse sobre as questões que a clínica psicanalítica com crianças trazia. Era 1996, antes da fundação do Departamento. Essa formação inicial durou mais de dois anos. Posteriormente, Nena retirou-se, o projeto continuou fundamentalmente com o trabalho clínico de psicoterapia de crianças adotivas e seus familiares. Ao mesmo tempo, as Varas da Infância e da Juventude nos procuravam, a partir de inquietações a respeito de crianças em situação de guarda e crianças abrigadas, que poderiam, ou não, ser adotadas. Já tínhamos duas equipes de atendimento na Clínica, exclusivamente compostas por membros do Departamento de Formação em Psicanálise e Departamento de Psicanálise da Criança, numa parceria interna inusitada e bem-sucedida no Sedes. Além das duas coordenações oriundas dos Departamentos (Márcia, da Psicanálise da Criança e Malu, do Formação em Psicanálise) havia uma outra coordenação exercida por Maria Zeneide Monteiro, que trabalhava no setor de Projetos da Clínica, e que se identificou com o trabalho, para além do âmbito da assessoria institucional. Contamos com sua colaboração por dois anos. Nessa época constituímos uma parceria muito importante com a Fundação Orsa.

COMO FOI ESTA PARCERIA?

A Fundação Orsa patrocinava os atendimentos clínicos, as intervenções em abrigos e os eventos. Essa parceria foi muito importante: inaugurou novas possibilidades de sustentação de trocas institucionais e a ampliação da abrangência do

trabalho com equipes de atendimento à infância. Foram três anos muito fecundos, com a produção de eventos anuais, onde pudemos repensar a clínica psicanalítica e formas de intervenção, fazendo falar os protagonistas do universo de proteção à criança, além de interrogar sobre o que a psicanálise poderia contribuir no âmbito desses cuidados, nas medidas de proteção, no abrigo. Os eventos deram visibilidade às questões que a psicanálise coloca. Outras demandas chegaram ao Grupo: prestação de assessorias institucionais, convites para participarmos de programas de TV e rádio, entrevistas a alunos de faculdades. Tornamos-nos uma referência, um serviço único direcionado para abarcar/ atender demandas das Varas, dos Conselhos Tutelares, das escolas.

QUAIS OS PROJETOS QUE O GRUPO ACESSO REALIZOU?

Assessoramos várias instâncias que nem sempre puderam levar adiante os projetos por questões políticas: junto à Prefeitura do Município de São Paulo, elaboramos o Programa de Famílias Acolhedoras, também o projeto de capacitação dos educadores de abrigos. Internamente, promovemos suporte ao Grupo Laço, ligado ao setor Clínica do Departamento, para um projeto de escuta de bebês abrigados. Esta parceria teve a oportunidade de contar com a supervisão institucional realizada com o psicanalista argentino Luis Vicente Miguelez.

Também é nossa perspectiva e desejo continuar a sermos alimentados por olhares e intervenções de outros profissionais, como a participação de Bernardo Tanis, que durante um ano trabalhou conosco na proposta de projetos de elaboração de pesquisa. Recentemente, no último ano, assessoramos a Associação dos Magistrados

Brasileiros (AMB) na campanha nacional "Mude um DESTINO", que visa sensibilizar juizes, instituições, assim como toda a sociedade, para o processo de desinstitucionalização de crianças abrigadas. Ressaltamos a importância da Cartilha Adoção passo a passo, o primeiro trabalho que alia as informações do processo jurídico às implicações psíquicas dos envolvidos na experiência com a adoção.

Derivado deste último trabalho, e fruto da importante repercussão dos anteriores fomos convidados a participar no Fórum do Centro de Referência das Vítimas da Violência (CRVV) sobre Gravidez na adolescência e seus efeitos na adoção, quando Maria Luiza proferiu a palestra: "Gravidez adolescente: reedições de histórias de abandono", em setembro de 2007. Outras demandas nos têm chegado, como participação em debates na TV, além da própria AMB, que já formulou pedido de nova parceria ligada à assessoria aos abrigos.

COMO FUNCIONA O GRUPO?

Atualmente, somos 18 psicanalistas distribuídos em duas equipes de atendimento na Clínica do Sedes, em uma equipe de projetos de intervenção em abrigos, e numa equipe voltada à pesquisa que se reúne em encontros semanais. Estamos reformulando o grupo para melhor atender as demandas específicas, desejos e interesses particulares dos participantes. Achaamos importante destacar que todas as experiências contam da implicação muito grande de seus componentes, muito séria e consistentemente empenhados, preocupados em buscar subsídios que nos alimentem e trocas enriquecedoras de experiências.

PARA QUE SERVE ESTE TRABALHO?

Para o encaminhamento de políticas públicas, fomento à pesquisa, incrementação sobre a clínica psicanalítica diante dos enigmas com que nos deparamos e que nos são propostos.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O GRUPO ACESSO

Esse trabalho suscita no grupo um movimento de interrogação permanente na clínica viva, em constante transformação. Os objetos de interesse e nossos entendimentos foram sendo ampliados da adoção de crianças para a condição de separação de seus pais. Essa extensão foi abarcando os protagonistas desse cenário (as instituições, os pais), multiplicando o campo de atenção e de atuação.

Estamos em busca constante de patrocínio que possa sustentar o nosso trabalho e o nosso desejo, multiplicar as nossas experiências para fora da auto-referência, tanto para sermos interrogados, quanto para contribuir para a elaboração de questões clínicas na psicanálise. Sustentamos a abertura para novos membros que queiram e desejem participar do grupo, pensando numa proposta de formação continuada. Também partimos de uma proposição de aumento de nossa produção e exposição, quer no âmbito da escrita, quer em participações em palestras, debates na mídia, o que tem acontecido frequentemente.

Por ocasião das comemorações dos dez anos do Departamento, o Grupo Acesso registra aqui uma conversa entre Marcia Porto Ferreira, Maria Luiza Ghirardi (coordenadoras) e Ligia Paula Silber Rabinovitch (integrante), sobre a história desse projeto.

O Espaço Potencial Winnicott vem se organizando desde 1999. Ele inaugura no Departamento de Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae, o primeiro espaço horizontal de reflexão e estudos sobre o pensamento de Donald W. Winnicott. Além de propor-se a estudar a obra desse autor, constitui-se como espaço de interlocução com a diversidade de profissionais, teorias e práticas contemporâneas. Considerando que a apreensão do conhecimento psicanalítico é contínua e interminável, o Departamento de Psicanálise da Criança desenvolveu artifícios para dar continuidade à formação de seus analistas.

Buscando formas de transmissão da psicanálise, os professores do curso, Afrânio e Magaly, foram impulsionados também a criar um lugar horizontal de estudos e, inicialmente, dedicaram algumas horas de trabalho para a organização de um grupo de estudos da obra de Winnicott. Esse grupo foi denominado Espaço Potencial Winnicott EPW, e atraiu um público bastante heterogêneo. Para os iniciantes, foi oferecido um curso introdutório, que, hoje, já se tornou curso de aperfeiçoamento - "Um Percurso na Obra de Winnicott". E para aqueles que já tinham familiaridade com a obra do autor, manteve-se o EPW. Esse grupo foi se fortalecendo e tornando-se atraente aos ex-alunos do Curso de Especialização e também para profissionais de origens e instituições diversas.

Embora alocados no Departamento de Psicanálise da Criança, o EPW não se limita a pensar a criança, mas se abre ao estudo do ser humano. O foco é o aprofundamento da obra de Winnicott e de autores da mesma vertente de pensamento.

Nos encontros, seus membros se sentem livres

para apresentar suas criações, produções teóricas e questões da clínica. As produções têm ido além das fronteiras do Espaço, com artigos apresentados em congressos, sendo que há também um incremento expressivo nos trabalhos didáticos e clínicos.

Atualmente, o EPW se caracteriza por ser um grupo singular, num constante vir a ser. A experiência é avaliada no dia a dia, sendo reformulada, quando necessário, pelo próprio grupo. Existem, no entanto, normas mínimas, que garantem o bom funcionamento do Espaço. A horizontalidade entre os participantes propicia o sentimento de pertencimento, igualdade, acolhimento e sustentação.

Os pré-requisitos necessários para inserção são:

- Formação universitária
- Algum percurso de estudo na Obra de Winnicott
- Interesse em participar de um grupo horizontal e aceitação das normas do grupo
- Disponibilidade de presença e participação nas reuniões da primeira e terceira quarta-feira de cada mês, das 12:00 h às 14:00 h.
- Disponibilidade de ler os textos acordados pelo grupo e contribuir nas discussões
- Apresentar trabalhos desenvolvidos a serem publicados e/ou utilizados como referência de estudo, discussões, aprofundamento e desenvolvimento da prática clínica.
- Conhecimento e aceitação da Carta de Princípios do Sedes Sapientiae.

A adesão de novos membros é feita através de apresentação de um currículo. Num segundo momento, o currículo é lido por todos os membros que compõe o grupo E.P. e esse será aceito no grupo se aprovado por todos.

Há dez anos, desde o começo desta nossa história, o embrião do que hoje conhecemos como Setor de Eventos já atuava, antes mesmo do Departamento existir. Denominado, na época, Comissão de Eventos, estava articulado somente ao Curso de Especialização, que ainda nem se chamava "Psicanálise da Criança".

Acompanharemos, aqui, um pouco da história de construção desse Setor, resgatando preciosos momentos pelos quais passou em sua articulação com o Curso e, mais tarde, com o Departamento. O Setor de Eventos já teve várias funções e objetivos, sempre reveladores do que se passava em nosso Curso e em nosso Departamento, e de acordo com o pensamento das muitas pessoas que estiveram à sua frente em diferentes momentos.

Contribuindo com esta década de recordações, o Setor de Eventos faz uma retrospectiva de grande parte dos eventos realizados desde o seu início:

EVENTOS ORGANIZADOS PELO SETOR DE EVENTOS, ANTERIORES À FUNDAÇÃO DO DEPARTAMENTO

1991: "Pais: uma questão na análise de crianças" - Conferência de Ana Maria Sigal.

1992: "Psicose e instituição" - Conferência de Jacques Sterlin.

1992: "Psicose na Infância: compreensão psicanalítica e intervenção" - Conferência de Cristina Kupfer.

1993: "Pensando a Dor" - Evento interdisciplinar, subdividido em:

"Dor física e dor psíquica" - Mesa com palestras de Ruth Gutnsburg e Vera Stela
"A dor na clínica psicanalítica com crianças" - Mesa com palestras de Cleide Monteiro e Ester Hadassa Sandler.

1994: "Aspectos não verbais na análise de crianças" - Conferência de Nélcio Wanderlei do Sacramento e Nilde Jacob Parada Franch
Conferência de Alfredo Jerusalinsky e Gilberto Safra.

1995: Saul Peña - Conferência e Seminário clínico. Evento de lançamento da Revista Espaço Criança.

1995: "Do infantil em Psicanálise à Psicanálise de Crianças" - Palestras de professores do Curso de Especialização e analistas convidados e seminários clínicos e teóricos. Convidados Alfredo Jerusalinsky, Daisy M. Bracco, Gilberto Safra, José O. Outeiral, M. Helena Fontes, M. Christine Laznik, Odilon de Mello Franco Fº e Ona Sujoy.

1996: "A criança dada como morta: riscos psíquicos da cura" - Conferência, "O romance familiar da Criança" - seminário clínico com Daniele Brun.

EVENTOS ORGANIZADOS PELO SETOR DE EVENTOS, APÓS A FUNDAÇÃO DO DEPARTAMENTO:

1997: "A importância do Meio-Ambiente na Constituição do Sujeito" - Palestra com Heitor O'Dwyer de Macedo em parceria com o Departamento de Psicanálise.

1997: 20 de Outubro - Evento comemorativo

da fundação do Departamento.

1999: "A organização familiar na contemporaneidade, a criança e a psicanálise" - Evento interdisciplinar.

2000: "Mentes e Mídia: a criança na era digital" - Evento Interdisciplinar.

2001: "A criança para além da sexualidade infantil"

"As reorganizações do Édipo na contemporaneidade" - Palestra com Paulo Roberto Ceccarelli e comentador Tales A.M. Ab'Saber. Lançamento dos livros "A Criança na Contemporaneidade e a Psicanálise" (vol.1) e "Família e Sociedade: Diálogos Interdisciplinares, Mentes e Mídia: Diálogos Interdisciplinares" (vol 2).

2002: "Intervenções possíveis do psicanalista com bebês de risco psicopatológico" - Palestra e seminário clínico com Marie Christine Laznik.

2004: "A Psicanálise com Crianças na Contemporaneidade: Recortes Clínicos" - Palestras com professores do Curso de Especialização Psicanálise da Criança.

2005: "Encontro com Silvia Bleichmar: Teoria e Clínica" - Conferência: "O que resta de nossas teorias sexuais infantis", seminário teórico: "Uma prática psicanalítica que convoca à transformação" e dois seminários clínicos.

2005: "Marie Christine Laznik - Criança Autista: Clínica e Teoria" - Conferência: "A criança autista - Um diálogo entre a psicanálise e o cognitivismo", com participação de Francisco Assunção, curso "O psicanalista na Consulta do

bebê e seus pais: clínica e teoria da técnica" e seminário clínico.

2006: "A Psicanálise com Crianças na Contemporaneidade: Extensões da Clínica" - Palestras com membros do Departamento Psicanálise da Criança.

2007: "Encontro com Silvia Fendrik: teoria e clínica" - Conferência: "Psicanálise da Criança: A atualidade das origens", seminário teórico "Psicanálise da Criança: Uma escuta lacaniana" e seminário clínico.

2007: "Alfredo Jerusalinsky - O brincar e sua interpretação: suportes imaginários dos significantes na infância" - Conferência "Materialidade da língua da infância - Notas para uma semiótica infantil", seminário teórico "O brincar e sua interpretação - os destinos da paixão de objeto" e seminário clínico.

JORNADAS INTERNAS DO SETOR DE EVENTOS

Outubro 2002: "I Jornada Interna do Departamento de Psicanálise da Criança"

Junho 2005: "II Jornada Interna do Departamento de Psicanálise da Criança"

05 e 06 de Outubro 2007: "III Jornada Interna do Departamento de Psicanálise da Criança"

FÓRUMS DO DEPARTAMENTO

17 de maio de 2003: I Fórum Interno do Departamento de Psicanálise da Criança - "Reconstruindo o Departamento" -

13 de outubro de 2003: II Fórum Interno do Departamento de Psicanálise da Criança
Projeto reconstruindo o Departamento"

27 de março de 2004: III Fórum Interno do Departamento – "Possíveis formas de inserção de novos membros no Departamento"

EVENTOS EM PARCERIA JÁ CONSOLIDADA COM OUTROS ESPAÇOS DE TRABALHO DEPARTAMENTO

Encontros Clínicos:

2006: "Seminário Clínico – Miriam Debieux"

2006: "Seminário Clínico – Camila Pedral Sampaio"

2007: "Seminário Clínico – Daniele John"

EVENTOS EM PARCERIAS PONTUAIS DO SETOR EVENTOS COM OUTROS ESPAÇOS DE TRABALHO DO DEPARTAMENTO

2005: "Formação Psicanalítica, Formação no Departamento de Psicanálise da Criança e Regulamentação da Psicanálise" - Evento interno do Departamento, em parceria com o Setor Curso.

2006: "I Encontro do Curso de introdução à intervenção precoce na relação pais bebê" - Evento interno do Departamento, em parceria com o Curso de Aperfeiçoamento "Introdução à intervenção precoce na relação pais bebê"

2007: Palestra de comemoração dos 10 anos do Departamento de Psicanálise da Criança, em parceria com o Setor Publicações (Out/2007)

2007: "I Jornada do Espaço Potencial Winnicott – Diversidade e Interlocução", em parceria com o Espaço Potencial (programado para nov/2007)

Como se pode ver, o Setor já promoveu muita coisa interessante: diversos temas, pensamentos e estudos relacionados à clínica com crianças foram abordados, além de importantes autores, representantes das diversas linhas teóricas psicanalíticas, que nos brindaram com suas contribuições.

E Setor vem buscando aprimorar seu trabalho. Desde o início de 2007, procura manter um de seus membros como representante nas reuniões e nos eventos dos demais setores do Departamento que estão elaborando algum evento, frisando a parceria entre o Setor e os demais, dando conta da complexidade crescente de nosso Departamento. Como exemplo, temos os encontros preparatórios do evento com Sílvia Bleichmar e do evento com Sílvia Fendrik, que aconteceram a cargo de membros do Setor e de professores do Curso de Especialização.

Uma grande conquista são as aulas cortesia para os alunos do curso e membros do Departamento, oferecidas pelos palestrantes, abrindo os eventos promovidos, como as dadas por Sílvia Fendrik e Alfredo Jerusalinsky. São oportunidades enriquecedoras nas quais o palestrante convidado apresenta fragmentos de casos clínicos atendidos por eles.

Sobre Jerusalinsky, gostaríamos de compartilhar o sucesso desse recente evento: contamos com participação de 200 pessoas que circularam entre palestra, seminário clínico e teórico. Os temas desenvolvidos trouxeram ricas contribui-

ções, principalmente no que se refere aos enlaces teórico-clínicos e Jerusalinsky soube trabalhá-los com grande sensibilidade e acurado olhar clínico.

Aguardem! Eventos interessantes estão por vir, para as próximas décadas de Departamento. Parabéns a todos que vêm contribuindo para o crescimento deste nosso Departamento de Psicanálise da Criança!

Fernanda Arantes

Júlia Maria Candiani R. Loureiro

Maria do Carmo Vidigal M. Dittmar (Lila)

O Setor de Extensão foi criado junto com o Departamento de Psicanálise da Criança em 1997 para se ocupar dos outros cursos e atividades letivas que ocorrem paralelamente ao curso de especialização Psicanálise da Criança. Até a data da fundação do departamento já haviam sido feitas algumas experiências pontuais neste sentido, cabendo lembrar aqui um curso oferecido aos alunos e ex-alunos sobre 'Psicose na infância', em 1996, ministrado pela professor convidado José Martins Canelas Neto, na época recém chegado de uma estadia na França. O setor foi criado para se ocupar com a área complementar da formação dada pelo setor Curso, ser um modo de introduzir o campo da psicanálise da criança e ser um espaço de interlocução e troca. Ele seria coerente com a formação oferecida pelo setor Curso, sempre reconhecendo a posição pluralista do departamento no campo da Psicanálise da Criança e abrindo para discussões clínicas e teóricas dos fundamentos que sustentam o exercício da nossa prática. O setor deveria ainda atender a demandas que poderiam vir a se organizar no contexto do departamento. Teria como eixo, em resumo, o pluralismo, a clínica, a teoria e a metapsicologia, a investigação e a interdisciplinariedade. Caberia ao setor se ocupar com a organização e regulamentação destes cursos, pensar sua viabilidade e seus objetivos dentro do departamento, estabelecer normas para o seu funcionamento e para o funcionamento do setor.

A primeira coordenação do setor foi de Audrey Setton Lopes de Souza e Bernardo Tanis. Foi então estruturado um curso de expansão, de curta duração, que contemplasse uma procura que vinha sendo notada durante a seleção do alunos para o curso de especialização: um curso

curto e informativo, que explicitasse o campo da Psicanálise com Crianças. Foi assim que surgiu o nosso curso "*Clínica Psicanalítica com crianças: configuração de um campo*", oferecido desde 1998, no segundo semestre, para psicólogos, estudantes de 5. ano de psicologia e profissionais afins interessados em expandir seus conhecimentos através do olhar psicanalítico. Esse curso foi muito bem recebido e se tornou porta de entrada para muitos alunos que depois se apresentam para a formação no curso de especialização. Os coordenadores do primeiro curso em 1998 foram Audrey Setton Lopes de Souza e Bernardo Tanis. Atualmente está sendo coordenado por Elsa Vera Kunze Post Susemihl e Mary Ono.

Em julho de 2000 um novo curso foi oferecido a membros e não-membros, psicólogos e médicos sob coordenação de Afrânio de Matos Ferreira e Magaly Miranda Marconato: "*Do bebê à adolescência – um percurso na clínica de Winnicott*". A partir de 2002, o curso abriu-se para membros e não-membros do departamento como curso de aperfeiçoamento. A abertura deste curso a profissionais de outras áreas, tais como educadores, assistentes sociais, psicopedagogos, médicos, enfermeiros, etc., confluiu com a proposta de Winnicott de oferecer o conhecimento psicanalítico como instrumento útil ao trabalho aos mais variados profissionais que se dedicam a questões do humano. No ano de 2003 foram convidados outros profissionais não pertencentes ao Departamento de Psicanálise da Criança para compor o corpo docente como professores convidados. As aulas foram distribuídas pelos coordenadores, professores membros do departamento e professores convidados, contemplando a área de interesse ou temas desenvolvidos em suas teses, sob uma ótica winnicottiana. Atualmente o curso de aperfeiçoamento

se denomina "*Um percurso na obra de Winnicott*", continua a ser coordenado por Afrânio de Matos Ferreira e Magaly Miranda Marconato e tem os seguintes professores convidados: Dione Maria Pazzeto Ares, Irmgard Birmoser de Matos Ferreira, Luciana Bertini Godoy, Sueli Hisada, Tales Afonso Muxfeldt Ab'Saber e Tereza Marques de Oliveira. O curso tem como objetivo percorrer a partir dos conceitos básicos sobre a transicionalidade – o espaço do brincar, da criação e da cultura – uma trajetória pela obra do autor, desde o desenvolvimento emocional primitivo do indivíduo e a constituição do Self, à vida adulta compartilhada.

Em 2002 um novo curso de aperfeiçoamento foi apresentado pelas suas coordenadoras Audrey Setton Lopes de Souza e Magaly Miranda Marconato: "*Introdução à intervenção precoce na relação pais-bebê*". O curso é oferecido para membros e não-membros do Departamento de Psicanálise da Criança, psicólogos, psiquiatras, psicanalistas, pediatras e profissionais afins. Tem no seu corpo docente os seguintes professores membros do departamento: Denise de Sousa Feliciano, Maria Cecília Pereira da Silva, Mariângela Mendes de Almeida e Tereza Marques de Oliveira. O objetivo do curso é introduzir o estudo teórico-clínico das interações do bebê e sua família e discutir a intervenção precoce nas relações pais-bebê.

Ainda em 2002 e sob coordenação inicial de Maria Cecília Comparato foi oferecido o curso de aperfeiçoamento: "*A clínica médica de crianças e a psicanálise*". Atualmente é coordenado por Lia Pitliuk e conta com professores membros e convidados: Elcio G. Marcarenhas, Paulo Schiller e Wagner Ranña. O curso tem como objetivo

proporcionar ao médico que trabalha com crianças – por meio de um diálogo com a psicanálise – um novo olhar sobre sua clínica e uma compreensão mais ampla das relações entre as doenças, o psiquismo e a estrutura familiar; oferece instrumentos para diagnóstico, intervenção e encaminhamento no campo da psicopatologia infantil. Infelizmente este curso não ocorreu em 2007.

Na modalidade de curso de departamento, ou seja, cursos oferecidos para membros do departamento ocorreu no primeiro semestre de 2003 o curso "*Releituras da clínica freudiana: o pequeno Hans*", apresentado por Adela Judith Stoppel de Gueller. Adela ministrou também durante o primeiro e o segundo semestre de 2004 os dois primeiros módulos de "*Os casos que fizeram história na psicanálise com crianças*". Ainda no segundo semestre de 2007 Elsa Vera Kunze Post Susemihl está oferecendo o curso "*Introdução às idéias de Bion*".

Ao longo destes 10 anos vários colegas passaram pela coordenação e pelo trabalho neste setor. Resultou disso tanto a possibilidade de ocorrerem os cursos acima em sintonia com o departamento, bem como poderem ter sido estabelecidas as normas de funcionamento do setor. Foram muitas discussões internas ao setor para se chegar àquilo que hoje se aceita como regulamentação e norma, bem como externamente para colocá-las em andamento. Acreditamos que nesse tempo pudemos amadurecer o sentido deste setor e apreciar sua importância para o departamento.

PSICANÁLISE VISITA ARTE-LITERATURA

FERNANDA MARA COLUCCI FONOFF & YUDITH ROSENBAUM

INICIA-SE AQUI NOVA, SÉRIE TEMÁTICA. CONVIDAMOS DUAS COLEGAS COM FORMAÇÃO TANTO NA ÁREA DA PSICOLOGIA COMO DA CRÍTICA LITERÁRIA PARA CONVERSAR SOBRE A INTERFACE ENTRE PSICANÁLISE E ARTE E SOBRE A FUNÇÃO DA ARTE-LITERATURA NA FORMAÇÃO DO PSICANALISTA E NA CULTURA, SEMPRE TENDO COMO ESTÍMULO A OBRA DA ESCRITORA CLARICE LISPECTOR. FORAM DESENVOLVIDOS TEMAS COMO DOR PSÍQUICA, EXPERIÊNCIA EMOCIONAL, CRIANÇA E TEMPORALIDADE.

BOLETIM:

Para iniciar o nosso bate-papo, gostaríamos que vocês nos contassem sobre esse percurso entre a psicologia/psicanálise e a literatura e como transitar entre as duas áreas pode contribuir para a ampliação no exercício de cada uma delas, de maneira a serem complementares entre si.

FERNANDA:

A interlocução entre literatura e psicanálise é única. O diálogo entre essas áreas aconteceu como formação pessoal em mim. A minha formação em psicanálise inclui, junto com a análise pessoal, a literatura. Foram caminhos paralelos que se cruzavam em alguns pontos, abrindo para novas experiências e novos sentidos. O debruçar nos textos literários me trouxe mais conhecimento do que estudar somente a teoria psicanalítica.

YUDITH:

Acho que isso ocorre porque a literatura é um grande campo no qual todos os saberes conversam. Roland Barthes diz que a literatura é o campo de encontro dos saberes: é um território onde se entrelaçam psicanálise, filosofia, história... A idéia que me atraiu para essa área era poder entrar nesse campo e transitar por várias dessas significações. A literatura é vida, é expressão do humano tanto quanto a psicanálise. A psicanálise é um tipo de investigação desse humano através de um método, de uma abordagem, de uma conduta determinada e eu achava que a literatura era essa expressão do humano por si mesma. De fato, quando vamos para

a literatura, sentimos como as coisas essenciais se encontram lá dos modos mais inusitados, mais diversos; o texto literário é expressão disso que muitas vezes na psicanálise não conseguimos nem formular. Então, de fato, quando você fala da literatura como uma "formação pessoal" do analista, está tocando no alvo, pois elaboramos questões através da literatura que na própria análise não conseguimos chegar.

FERNANDA:

Não se alcança da mesma forma.

YUDITH:

É e, no limite, há algo desse humano profundo, da intimidade, que não se alcança nem na literatura e nem com a análise... Mas a verdade é que a literatura parece promover uma espécie de abertura, um movimento dos núcleos que nem sempre se movimentam pela análise.

FERNANDA:

Isso é interessante! A literatura trabalha muito com a linguagem verbal e desperta muitas imagens, que não passam só pelo verbal. Então, falando da análise pessoal não alcançando o indivíduo da mesma forma que a análise, se deve a essa carga de imagens que recebemos ao entrar em contato com a criatividade presente nas páginas de um livro aberto, de encontrar outros.

YUDITH:

As palavras não alcançam.

FERNANDA:

É, significações que a palavra não alcança. O texto literário se faz com palavras, porém evoca mais do que apenas a linguagem verbal...

YUDITH:

É uma aproximação que muitos críticos fazem da literatura com o sonho. Aí essas duas linguagens se encontram, porque são linguagens muito imagéticas, com ressonâncias de múltiplos sentidos condensados. Quando um crítico vai interpretar um texto, muitas vezes ele se utiliza do que a interpretação dos sonhos oferece. Você começa a abrir aquilo que está cifrado. E lá é uma condensação mesmo, é como se estivesse ali concentrado o poder das imagens, das significações, das metáforas.

FERNANDA:

Dos sons.

YUDITH:

Dos sons, dos encontros de significantes; muitas vezes, na literatura, você encontra frases que são verdadeiras totalidades oníricas. Isso aqui é um sonho escrito! Claro que há a diferença de um texto literário ser compartilhado pela escrita e submeter-se às operações conscientes do autor. Mas a literatura é um canal de expressão que a nossa linguagem mais convencional, do senso comum ou das convenções não consegue desenhar para a gente. Aliás, Clarice Lispector é expert em mostrar isso: como a linguagem cotidiana não alcança a representação de uma verdade menos visível a olho nu.

FERNANDA:

A linguagem literária de Clarice Lispector toca muito as emoções, dando força à sua escrita.

YUDITH:

É porque, justamente, na literatura há uma operação de modificação e desvio da linguagem

habitual. Na linguagem do cotidiano, na linguagem referencial, na linguagem comunicativa, na linguagem que a gente chama de...

FERNANDA:

Linguagem fática.

YUDITH:

Isso, a linguagem fática não está interessada em desvendar nada; ao contrário. No dia-a-dia buscamos nos fazer entender da forma mais direta e denotativa possível: Já na linguagem literária, poética, conotativa, levamos o susto: "Nossa! Que estranho! Isso não é linguagem cotidiana!" É outra coisa que vai se pondo ali. Eu estou pensando na Clarice mesmo, as palavras são simples, palavras de todo dia, ela não é uma escritora difícil, hermética, no sentido da camada semântica, mas ela junta coisas que não são 'juntáveis' no dia-a-dia. Então, quando ela faz isso, ela promove essas aberturas, do mesmo modo que uma associação livre, inconsciente, de fluxo de consciência. Aí sim, ela vai se aproximando desses núcleos indizíveis, que o analista quer investigar, quer sondar.

FERNANDA:

Acho que mesmo a proposta dela de se aproximar da dor psíquica. Ela não tem tanto medo de mostrar confusão. Ela não entrega a coisa pronta e já arrumada. Isso é fascinante na escrita dela e o mais difícil - de ficar com a confusão durante a leitura. Principalmente para quem está circulando na área da psicanálise e da psicologia.

YUDITH:

Isso é um ponto super importante! Eu vejo que na obra de Clarice Lispector, não se anestesia as feridas; a autora não quer poupar o leitor de poupar de nada. "Ela vai continuar falando desse jeito, prolongando o incômodo da gente?" E aí a coisa vai se adensando, porque há autores que às vezes preservam o leitor de entrar em contato com coisas que são mais profundas.

Eu acho que ela não assopra os nossos machucados, nem põe um Band-aid, né? Ela abre o que deve ser exposto. Ela fala assim: "-Ah! Aqui está doendo? Então vamos ver como é isso". E ela vai expandindo para conhecer por dentro. Uma frase dela dia assim "Há gente que cose para fora; eu coso para dentro". Os instantes vão ficando cada vez maiores, esticados. É um instante, mas ela vai encompridando e a coisa se prolonga, como em câmera-lenta. É uma autora muito corajosa, de percorrer e ir atrás de alguma coisa que ela achava que nem sempre se entregava, mas que ela continuava querendo ver. Quer dizer, eu estou falando de um lado da sua obra, que vai causando até um incômodo, muitos leitores têm esse mal-estar com Clarice Lispector, em geral homens... É engraçado isso! Homens falam: "- Não quero ler Clarice Lispector, não quero essa bruxa". Aliás, ela participou de um congresso de bruxaria em Bogotá. Então, quer dizer, ela tem essa marca de ficar misturando poções, remexendo elementos díspares e gerando efeitos insólitos.

FERNANDA:

De mexer com mistérios humanos.

YUDITH:

E ela não queria decifrar o mistério. Essa talvez seja uma diferença entre a psicanálise e a literatura, pelo menos a da Clarice. Ela não quer decifrar, ela achava, justamente, que o mistério tinha que ser preservado, tinha que ser acolhido, porque é uma parte da vida que ninguém sabe o que é. O não-saber tem que ter lugar. Então, não é que ela vai querendo saber tudo, decifrar tudo. Inclusive, ela não gostava de trabalhos acadêmicos. Para ela era uma profanação! Esse campo que ela propunha tinha que ficar ressoando sem entendimento intelectual. Ela dizia que o melhor modo de entrar em contato com sua obra era telepaticamente... Mas claro que a crítica acadêmica é uma via legítima de aproximação com a obra de Clarice.

FERNANDA:

Agora, você fala que ela não dava respostas ou não poupava o leitor, esse não é também um jeito dela falar "- Olha, a dor existe, está aí, faz parte. Isso é humano"? Como quem cuida do leitor. Ao mostrar que tem a ferida, Clarice Lispector também apresenta um cuidado maternal. Não o maternal de aplacar a dor, de pôr pano quente, mas aquele que prepara o filho para as dores humanas. Nós, da equipe do Boletim, estávamos lendo os livros infantis da Clarice Lispector, que têm muito isso. Lá, ela fala: "- Olha, existe a morte, existe o sexo, existe a dor". Ela apresenta aspectos humanos para a criança. Esse é um movimento muito diferente da literatura infantil convencional.

YUDITH:

E qual efeito que ela tem ao fazer isso? É uma autora que busca a verdade de si mesma o tempo todo, ela quer devassar as máscaras. Ela mostra que a gente vive numa espécie de alienação do sentido da vida, do sentido do ser, do que a gente é. Os contos dela tematizam essa dinâmica tão comum de solapar as verdades. Por isso eu acho que ela tem um efeito analítico brutal. Ela vai lá, põe a mão na ferida, num sentido ela incomoda e no outro ela desaliena. Ela põe em movimento coisas que nós tenderíamos a não querer ver. Eu sempre lembro daquele conto "Amor", no qual Ana está sentada no bonde, com as compras no colo, pensando na sua vida "estável" de mãe e esposa, até que vê um cego mascando chicletes no ponto e tudo desmorona. Todo sistema tão bem organizado, de um ego protegido, desaba. A casca do ovo se rompe e a gema amarela escorre pela rede da sacola. Olha que imagem incrível! Aquela casca, aquela proteção vai se rompendo e o interno entra numa erupção impressionante, rompendo as barreiras. E tudo em função de quase nada, em função da visão de um cego mascando chicletes. Ali, para mim, é uma matriz da obra da Clarice, porque mostra justamente como ela, através de cenas muito simplórias,

CURSOS
INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE DA CRIANÇA



PSICANÁLISE DA CRIANÇA (ESPECIALIZAÇÃO)

OBJETIVOS Iniciar a formação de psicanalistas que tenham como foco de interesse o atendimento à criança, propiciando Condições para o desenvolvimento de uma escuta analítica e da capacidade de reflexão teórico-clínica.

COORDENAÇÃO Adela Judith Stoppel de Gueller.

CORPO DOCENTE Ada Morgenstern, Adela Judith Stoppel de Gueller, Afrânio de Matos Ferreira, Audrey Setton Lopes de Souza, Bernardo Tanis, Elsa Vera Kunze Post Susemihl, Lia Pitliuk, Magaly Miranda Marconato, Márcia Regina Porto Ferreira, Maria Dias Soares do Amaral, Maria do Carmo Vidigal Dittmar Meyer, Maria José Porto Bugni e Mary Ono.

HORÁRIO Seminários teóricos - sextas-feiras, das 8h00 às 12h00.

Supervisão - duas horas semanais (horários oferecidos no início do ano).

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Seminário Freud Formações do Inconsciente, Teoria da Sexualidade, Constituição do Psiquismo, Método Psicanalítico e Psicopatologia Psicanalítica.

Seminário Psicanálise da Criança Estudos sobre a Clínica Psicanalítica com crianças a partir dos textos de Klein, Winnicott, Mannoni, Dolto e outros.

Supervisão Clínica Visa acompanhar e desenvolver as singularidades do profissional em sua atividade clínica no que se refere a: - Avaliação inicial - entrevistas iniciais com pais e crianças que permitam uma primeira aproximação diagnóstica, a partir de uma escuta analítica que contextualize queixa, sintoma e demanda; - Processo psicoterápico - a questão da expressão lúdica e verbal, a questão transferencial e o lugar dos pais.

Observação Os alunos poderão se candidatar ao estágio oferecido pela Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae.

DESTINADO A Psicólogos e médicos interessados na formação psicanalítica com crianças, que estejam em processo de análise pessoal ou que se comprometam a iniciá-lo. Profissionais de outras áreas, que já tenham um percurso em Psicanálise, poderão se candidatar à seleção.

DURAÇÃO Três anos.

CARGA HORÁRIA 618 horas

UM PERCURSO NA OBRA DE WINNICOTT (APERFEIÇOAMENTO)

OBJETIVOS Percorrer, a partir de conceitos básicos sobre a transicionalidade – o espaço do brincar, da criação e da cultura – uma trajetória pela obra do autor, desde o desenvolvimento emocional primitivo do indivíduo e a constituição do Self, à vida cultural adulta compartilhada.

COORDENAÇÃO Afrânio de Matos Ferreira e Magaly Miranda Marconato.

CORPO DOCENTE Dione Maria Pazzetto Ares, Irmgard Birmoser de Matos Ferreira, Luciana Bertini Godoy, Sueli Hisada, Tales Ab'Saber, Tereza Marques de Oliveira.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO O Autor e a Obra; Formação e Influências; A Clínica da Relação mãe/bebê/família; Desenvolvimento Emocional Primitivo; Integração Psique-Soma; Intervenção Precoce, Transicionalidade; Jogo do Rabisco; Consultas Terapêuticas; O Brincar e a Criatividade; Clínica do Self; Verdadeiro e Falso Self; Regressão e Angústias Impensáveis; Intervenção Precoce; Adolescência; Tendência Anti-social; A Experiência Cultural; Autores Contemporâneos.

HORÁRIO quartas-feiras, das 12h00 às 14h00.

DESTINADO A profissionais com formação universitária nas áreas de saúde e educação.

DURAÇÃO um ano.

CARGA HORÁRIA 64 horas

INTRODUÇÃO À INTERVENÇÃO PRECOCE NA RELAÇÃO PAIS-BEBÊ (APERFEIÇOAMENTO)

OBJETIVO GERAL Introduzir o estudo teórico das interações precoces do bebê e da família. Pretende discutir a Intervenção Precoce na Relação Pais-Bebê como um trabalho terapêutico e profilático através de relatos clínicos de consultas terapêuticas.

COORDENAÇÃO Audrey Setton Lopes de Souza e Magaly Miranda Marconato.

CORPO DOCENTE Audrey Setton Lopes de Souza, Denise F. Monteiro, Magaly Miranda Marconato, Maria Cecília Pereira da Silva, Mariângela Mendes de Almeida, Tereza Marques de Oliveira.

HORÁRIO quintas-feiras, das 18h00 às 20h00.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- Introdução à observação de bebês a partir do Método Esther Bick;
- Introdução à Psicanálise de crianças e desenvolvimento emocional primitivo. - Freud. Klein, Winnicott e outros;
- Psicopatologia do bebê e da criança: - O desenvolvimento da criança e as principais causas de distúrbios na primeira infância; - Os sintomas psicofuncionais da criança;
- Principais técnicas e instrumentos utilizados na pesquisa e na intervenção em Psicoterapia Mãe-Bebê/Criança e Pais-Bebê/Criança. - Indicadores de transtornos de desenvolvimento;

DESTINADO A Psicólogos, psiquiatras, psicanalistas, pediatras e profissionais afins que tenham percurso em psicanálise e alguma experiência em atendimento com crianças.

DURAÇÃO um ano.

CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS: A CONFIGURAÇÃO DE UM CAMPO (EXPANSÃO)

OBJETIVOS Introduzir o campo da Psicanálise com Crianças, partindo dos principais conceitos formulados pela teoria freudiana e seguindo seu percurso em autores pós-freudianos, em especial aos que se dedicaram ao trabalho clínico e teórico com crianças. Todo esse percurso será acompanhado por leituras e discussões sobre a clínica.

COORDENAÇÃO Elsa Vera Kunze Post Susemihl, Mary Ono

CORPO DOCENTE Elsa Vera Kunze Post Susemihl, Mary Ono.

HORÁRIO 4. feiras, das 18:00 às 20:00.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Sobre o homem psicanalítico: Inconsciente – Conflito - Sintoma;
- Do infantil na Psicanálise à Psicanálise de crianças: - Sobre o infantil na Psicanálise - A Psicanálise de crianças e o infantil - A escuta psicanalítica da criança - O lugar da família.
- Sobre a Técnica: - A transferência e a interpretação - A transferência e o infantil - As especificidades do trabalho com crianças.

DESTINADO A Psicólogos; estudantes do quinto ano de Psicologia e profissionais das áreas afins (tais como pedagogos, fonoaudiólogos, pediatras etc...), interessados na clínica com crianças e que pretendam expandir seus conhecimentos incluindo a dimensão que o olhar psicanalítico pode oferecer.

DURAÇÃO um semestre, agosto a novembro

CARGA HORÁRIA 34 horas

A CLÍNICA MÉDICA COM CRIANÇAS E A PSICANÁLISE (EXPANSÃO)

OBJETIVOS Proporcionar ao pediatra, por meio de um diálogo com a psicanálise, um novo olhar sobre sua clínica e uma compreensão mais profunda das relações entre estrutura familiar e desenvolvimento da criança, possibilitando a construção de uma nova significação para os conceitos de saúde, doença e sintoma na infância.

COORDENAÇÃO Lia Pitliuk.

CORPO DOCENTE Elcio G. Mascarenhas, Lia Pitliuk, Paulo Schiller, Wagner Ranña.

HORÁRIO terças-feiras, das 19:30 às 21:30

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Noções básicas de Psicanálise: inconsciente, pulsão, sexualidade, conflito, sintoma. A constituição da família

e o lugar da criança no desejo dos pais.

- A clínica pediátrica e a psicanálise: aproximação e diferenças entre esses dois campos. Possibilidades e limites da intervenção do pediatra no terreno dos distúrbios psíquicos.
- A psicossomática. As relações entre o psiquismo e o organismo.
- Medicina e psicanálise: suas bases conceituais e as diferenças éticas.

Este percurso será acompanhado por textos e discussões de casos clínicos.

DESTINADO A médicos que trabalham com crianças, alergoimunologistas, cirurgiões, dermatologistas, endocrinologistas, gastroenterologistas, geneticistas, hebiatras, infectologistas intensivistas, nefrologistas, neonatologistas, neuropsiquiatras, neurologistas, oftalmologistas, oncologistas.

DURAÇÃO Um semestre, de março a junho.

CARGA HORÁRIA 36 horas

INTRODUÇÃO ÀS IDÉIAS DE BION

(Cursos do Departamento de Psicanálise da Criança)

OBJETIVO

- Estudar as contribuições iniciais de Bion
- Contextualizar sua obra
- Apresentar e discutir idéias e conceitos iniciais formulados pelo autor
- Destacar as decorrências clínicas de suas formulações

COORDENAÇÃO Elsa Vera Kunze Post Susemihl

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- ataques ao elo de ligação
- personalidade neurótica, personalidade psicótica
- teoria do pensar
- função alfa, o sonhar, o pensar
- importância e expansão do conceito de identificação projetiva
- reverie
- cisão forçada
- oscilação PS-PD
- aprender com a experiência

HORÁRIO 6. feiras das 16:00 às 17:40 (2 horas-aula), durante o segundo semestre 2007.

CARGA HORÁRIA 34 horas

INTERLOCUÇÕES COM "O PEQUENO HANS"

(Cursos do Departamento de Psicanálise da Criança)

COORDENAÇÃO Denise de Sousa Feliciano

APRESENTAÇÃO O Caso clínico do Pequeno Hans, escrito por Freud em 1909, é considerado um dos mais importantes casos clínicos da psicanálise. Deve este lugar tanto por seu valor ilustrativo sobre as teorias sexuais infantis, que Freud desenvolveu em 1905, com os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, quanto pelo seu aspecto "inaugural" que ocupa dentro da psicanálise de crianças sendo o primeiro relato da incidência de neuroses em crianças. Hans foi o prelúdio da psicanálise de crianças, como o definiu Meltzer, no entanto, muito se diferencia da atual prática da Psicanálise de Crianças, sem perder seu lugar de importância para o psicanalista que se propõe ao trabalho clínico com crianças. Olhar para Hans à luz de todo percurso desses quase cem anos, permite compreender princípios que sustentam a clínica atual, principalmente por apresentar Freud e Hans como investigadores incansáveis de um saber que não se esgota, o que norteia e fundamenta a Psicanálise.

OBJETIVOS Promover uma leitura atenta do Caso Hans, permeada por contribuições de autores pós-freudianos que propõem recortes específicos do texto de 1909, tendo como eixo das discussões a psicanálise de crianças e suas especificidades, traçando paralelos e contraposições entre a clínica atual e a clínica inaugural.

DATA quinzenalmente às sextas-feiras entre agosto e novembro.

avança para essa dimensão do humano que sofre; mas, ao mesmo tempo, algo se constrói a partir dessa crise. Sabe-se lá o que vem quando a casca se quebra. Não consigo deixar de pensar que o que vem é o nosso pulsional, sem organização nenhuma, desregrado mesmo, transgressor. Clarice parece tocar o tecido orgânico que nos constitui como origem. É como se dissesse: "Todos nós somos humanos precários, vulneráveis". Estamos todos à tona de uma escuridão imensa embaixo dos pés. Temos que dar lugar para essa humanidade. Ela faz isso com uma linguagem inusitada, que promove conhecimento e, ao mesmo tempo, revela o quanto todos somos frágeis.

FERNANDA:

Não temos segurança.

YUDITH:

Não temos segurança, não temos certezas, não temos verdades fechadas, absolutas. Ela faz isso de um jeito muito próprio, por exemplo através de definições que transgridem o dicionário: "o que é uma janela senão o ar emoldurado por esquadrias?" Ela nos impele a ver tudo pelo avesso. Ela nomeia as coisas de forma inédita, porque quer que a gente saia do senso comum, dos clichês, dos estereótipos. Ela tinha horror a isso tudo. Mas acho que isso é muito analítico, pois dinamiza as formas fechadas e cronificadas.

FERNANDA:

Quando ela mostra que ficar na posição enrijecida, cristalizada, pode ser uma escolha, mas não traz a segurança esperada. A pessoa não vai ter a garantia, de se ela cristalizar, não vai sofrer nenhum dano ao longo da vida. Eu estou lembrando de Freud quando ele fala da idéia do inconsciente, quando ele apresenta a teoria do inconsciente como levando a peste.

YUDITH:

Quando ele vai para os USA e diz levar a praga.

FERNANDA:

Que a consciência é só um pedacinho, de que a gente não tem controle mesmo.

YUDITH:

Pensamos que estamos estáveis, vivendo a ilusão de estabilidade, de tudo arrumado e de repente é isso, um desvio, por nada, num dia normal, banal, como qualquer outro. E aí esse desvio leva a personagem para o jardim Botânico, e ali acho que é uma metáfora para o trabalho da análise. Ana experimenta a crueza e primariedade das coisas. Isso tudo acontece numa espécie de epifania. Os extremos estão lá se tocando, os paradoxos se mostram sem pudor, desafiando o modo como separamos e compartimentamos tudo. E ela vai percebendo que as coisas estão juntas – vida, morte, amor, ódio, fascínio, náusea, e que a gente é que organiza tudo artificialmente, para poder viver num mundo habitável. Mas esse mundo mais intenso que nos perturba nos sonhos pode a qualquer momento emergir. Isso é fascinante e assustador. São dois lados da moeda. A qualquer momento pode haver um terremoto pessoal. Como lidar com isso? Aí, no final do conto Ana volta para casa, depois daquele transe, ela vê o próprio filho e o estranha. Tudo o que é familiar passa pelo estranhamento. Isso é lindo! Poder pensar que a gente tem a capacidade de olhar de novo as coisas como pela primeira vez.

FERNANDA:

E ela pode olhar o filho como outro. Não mais aquela idéia que ela tinha de extensão mãe-filho, de rotina, do cotidiano. É também um estranho.

YUDITH:

O estranho é produtor de consciência, de conhecimento, é produtor de medo, de fascínio. Mas essa coisa de estranhar, de sair do familiar, é o grande elo da Clarice com a análise. Quer dizer, poder estranhar algumas coisas, poder sair de certa adequação que nos anestesia. Mas não é só isso. É uma obra de muita luz também, para

além deste lado mais desestruturador, que a análise também tem, de desmontar coisas que já estão ali.

BOLETIM:

Pelo que vocês estão falando, a obra dela flutua entre momentos que ela é a própria paciente e outras, a analista.

YUDITH:

Em geral, ela está na condição do paciente.

FERNANDA:

Depende do narrador. O narrador do "Uma Aprendizagem" ou o "Livro dos prazeres" é mais analista.

YUDITH:

Mais distanciado, né? Mas é uma boa questão essa: em que lugar ela se põe e em qual coloca o leitor. Porque o leitor também, muitas vezes, é esse paciente, vivenciando coisas muito especiais e muito novas a partir de estímulos muito pequenos e, às vezes, também analista, à distância, mostrando caminhos por onde as coisas podem ir.

FERNANDA:

O mote dela é viver o instante já. Ela narra o que está acontecendo na hora. São poucos contos em que ela consegue se distanciar.

YUDITH:

... com uma perspectiva mais histórica.

FERNANDA:

Mesmo de desenvolvimento.

BOLETIM:

Vocês trouxeram isso como as mensagens que vocês conseguiram interpretar desses textos como sem respostas e com mistério mesmo. É uma briga do paciente o tempo todo de querer entender.

FERNANDA:

É esse paciente que se dá conta de que: "- Está bem, eu não vou ter respostas, eu não controlo as ações das pessoas. Então, o que vou fazer com isso?". É quase esse paciente num fim de análise. Ele percebe que não adianta querer pôr essa moldura no cotidiano. Não encaixa. Ele está na vida.

YUDITH:

O texto funcionaria como o nosso analista e o leitor um analisando do texto. Não é nem a pessoa Clarice. São muitas instâncias: Clarice Lispector autora, o narrador, o personagem; esse narrador às vezes mergulha na mente do personagem. Ela fez muito isso e foi o que aproximou Clarice Lispector das grandes escritoras do começo do século XX: Katherine Mansfield e Virginia Woolf. São escritas da modernidade, que quebraram as fronteiras entre personagem e narrador. Eu acho que o texto dela tem efeito analítico, porque promove na gente uma espécie de deslocamento do lugar que a gente ocupa. A gente tem lugares que quer assegurar: o lugar do poder, o lugar do saber, o lugar da certeza. E ela tira isso da gente. Eu acho sim, que a obra dela é um território que promove o insólito, o estranho, mas também é um campo de experimentação muito livre. Tudo isso sem falar do campo aberto para o feminino como uma sensibilidade diferenciada, à qual ela dá expressão.

FERNANDA:

Eu estava pensando na provocação que a Clarice Lispector faz ao falar que o leitor precisa de uma alma já formada – a Denise salientou isso na resenha do Boletim anterior. Eu acho que, de certa forma, ela tem razão ao falar que o leitor precisa ter alguma condição de tolerar o incerto.

YUDITH:

De tolerar a travessia.

FERNANDA:

Passar por um terreno mais arenoso mesmo. Não

que ela queira que o leitor tenha a alma formada, fechada, cristalizada, muito pelo contrário...

YUDITH:

Ela está pedindo um leitor que agüente essa transição, de ficar com o desconhecido.

FERNANDA:

Quem será esse leitor de alma já formada que ela pede para a sua obra?

YUDITH:

Não depende de formação, nem de idade. Na entrevista de Clarice para a TV Cultura, o jornalista Julio Lerner perguntou: "- Você acha que você é uma escritora hermética?" Clarice respondeu: "- Não sei, tem o professor de literatura que leu "A paixão segundo GH" não sei quantas vezes e não entendeu nada, que seria teoricamente o mais habilitado. Uma adolescente me liga e diz que é seu livro de cabeceira". Não dá para entender o que faz com que alguns simpatizem com ela de forma tão inteira, e não é uma empatia intelectual. Eu descobri Clarice Lispector na adolescência, mas tiveram coisas que eu não conseguia ler também. Fui ler 15 anos depois.

BOLETIM:

Isso é interessante porque lembro-me que levei algumas vezes o livro da Clarice Lispector na análise. Eu queria ler trechos que poderiam dizer por mim algo que eu não conseguia dizer e que ela traduzia por mim. Entretanto, em outros momentos de vida, eu não suportei ler Clarice, pois eu me sentia sufocada. Tudo é uma questão do momento emocional.

YUDITH:

Realmente isso é uma prova de que, às vezes, a gente tem que se defender da leitura, como numa análise, enfim. "- Tudo bem, eu sei que tenho que ir além, mas eu não quero ou não posso agora". Às vezes, as mesmas coisas que atraem na obra podem afastar o leitor. Há um

campo muito grande do que poderíamos chamar de negatividade na obra dela. Eu acabei estudando as imagens do mal, no livro que escrevi sobre ela, que é justamente essa coisa que ela traz, que a gente quer reprimir, esconder, mas quando você vai olhando, humaniza, porque ela fala da inveja, do sadismo, da agressividade, enfim, ela fala de núcleos densos.

FERNANDA:

De fragilidade.

YUDITH:

De desamparo.

FERNANDA:

No conto "Viagem à Petrópolis".

YUDITH:

A personagem é a Mocinha, né? Uma velha esquecida por todos. O vazio é muito forte na obra de Clarice Lispector. Ela promove silêncios, vazios. Nós, que somos de uma época em que só queremos preencher, em que tudo é performance, tudo é aparecer, precisamos da proposta de Clarice de ouvir o silêncio, a pausa, a entrelinha. Ela chama a atenção para o lado escuro, onde outras experiências se tornam visíveis. Quando eu leio Clarice Lispector, sinto essa dimensão do que se cala. Ela fala dos cantos, dos detalhes, das minúcias, que só são visíveis na escuridão. Só podemos ver as estrelas no escuro, certo? Ela é uma escritora dos invisíveis, e a gente quer o tempo todo a claridade.

BOLETIM:

E pensando sobre o desamparo, em "A Hora da Estrela", a Macabéia foi para mim a definição mais perfeita de desamparo. É emblemático!

FERNANDA:

Mas ela põe uma luzinha, quase que para nos direcionar na travessia.

YUDITH:

É verdade, ela não nos deixa no breu total. Ao trazer à tona a questão do sadismo, (por exemplo em textos como "Felicidade Clandestina", "A quinta história", entre outros) Clarice mostra que é preciso reconhecer essas pulsões dentro de nós para não atuá-las. Em "Felicidade Clandestina", acompanhamos duas vizinhas – possivelmente a Clarice pré-adolescente, desejando um livro emprestado da filha de um dono de livraria. E esta não dava o livro e fazia aquele jogo "- Ah! Volta amanhã. Acabei de emprestar para outra pessoa...". E a personagem entrando nesse jogo sado-masoquista. Clarice diseca a dimensão humana alienada. Isso me seduziu muito na obra dela. Mas também há um outro lado bem divertido, com muito humor e uma face muito amorosa. O amor para ela é uma travessia cheia de arestas. Mas tem o amor, tem o afeto, tem a amizade. Você não sente isso?

FERNANDA:

Eu sinto. Eu a sinto companheira do leitor, muito próxima do leitor. Ela escrevia por uma demanda pessoal, mas também há um leitor-filho. A Clarice Lispector me parece maternal. Apesar da escrita tão difícil, ela se propõe a apresentar o mundo ao outro. Só que não apresenta só as flores, também apresenta o sadismo. Apresenta os sentimentos humanos, cuidando para que as pessoas não caiam em situações estereis. Quando ela aponta a esterilidade, o amortecimento, ela também tem o cuidado de dizer para as pessoas: "- Não deixa isso acontecer! Rompe com o estereótipo, deixe vir coisas novas". É assim que eu leio a Clarice Lispector hoje.

YUDITH:

Ela se solidariza com todos por sermos da mesma matéria imperfeita. Uma outra personagem do conto/crônica "Perdoando Deus" está andando na calçada de Copacabana, sentindo-se a senhora de tudo e de repente ela pisa num rato morto. Toda aquela imponência se esvai. É a mesma situação do conto do cego mascando

chicletes. Essa solidariedade com as nossas fragilidades pode ser acompanhada na atuação de Clarice na imprensa brasileira. Quando ela escrevia crônicas para o jornal do Brasil (entre 1967-1973), ela se aproximou muito do público, muito mais do que como romancista ou contista. As trocas de cartas são geniais! Ela se põe num lugar tão vulnerável, aberta, insegura, amorosa com os leitores.

FERNANDA:

Tão humana!

YUDITH:

Humana, sim. Ela nos diz: "É, é isso mesmo. Eu não consegui". Ela se coloca numa posição que não é a da pose, da máscara, do lugar da pretensão, da defesa. Por isso eu acho que ela é libertadora.

BOLETIM:

Eu estou pensando no não-dito e parece que ela procura dizer tudo. Não tem o não-dito. Vamos assumir que todas essas coisas estão aí.

YUDITH:

É, eu acho que tem essa disposição de dizer tudo, mas o limite da linguagem impede. Quando ela tinha 8 anos de idade, ela mandava suas histórias para um jornal de Recife e nenhuma foi publicada. Ela olhava a página do jornal e via que outras histórias eram publicadas. "- Por que a minha nunca é?". Depois, já adulta, ela conta numa crônica que finalmente entendia porque suas histórias nunca foram publicadas: elas não tinham começo, meio e fim, não tinham um enredo do tipo "Era uma vez..." E ela reconhece que narra mais as ressonâncias dos fatos do que os fatos. Nessa mesma crônica (chamada "Ainda impossível"), ela tenta finalmente uma história completa. Mas na primeira frase ela percebe que ainda era impossível. A frase é a seguinte: "Era uma vez um pássaro, Meu Deus!". As coisas são muito maiores do que a linguagem consegue dar conta. Então, há um limite no dizer.

Essa é a marca da linguagem em Clarice. Ela sabe que tem um ponto que não vai conseguir dizer e que esse ponto é justamente o mais importante. Essa sensação lhe traz o fracasso no poder de representação da linguagem.

FERNANDA:

Ela tem essa sensação de que ela nunca consegue dizer. Embora o leitor fique com a sensação de que já escutou demais, ela tem a sensação de que falou de menos. Ela tem uma particularidade narrativa que é falar de suas dificuldades. "- Não estou conseguindo, não estou alcançando. Não é exatamente isso". E aí ela continua e o leitor fala: "- Chega! Está bom". E ela: "- Não é isso, vamos mais um pouco".

YUDITH:

Por isso que o texto é cheio de repetições, ela volta ao mesmo ponto, tenta de novo, percebe que ainda não atingiu o alvo e tenta dizer com novos torneios sintáticos e semânticos.

BOLETIM:

Isso parece o umbigo dos sonhos.

YUDITH:

Trata-se daquela frase famosa dela: "Já que se há de escrever, que ao menos, não se esmaguem com palavras as entrelinhas".

BOLETIM:

Ela corrigia os textos?

YUDITH:

Olha, o que eu sei é que ela mais cortava do que reescrevia. Às vezes, ela tirava os excessos. E uma vez publicado o texto, ela não queria mais saber nada dele.

FERNANDA:

Ela escrevia fragmentado mesmo. Não era começo, meio e fim. Ela escrevia em pedaços de papel, papel de pão, e guardava. "Água viva" foi assim.

YUDITH:

Você se refere a "Um sopro de vida". Na verdade, ela tinha duas pastas. Às vezes, no cinema, na rua, no meio de qualquer coisa, ela pedia papel para Olga Borelli, sua amiga durante 10 anos: "Eu preciso de um papel agora". E a Olga: "- Mas agora?". E Clarice: "- É, papel de bala, qualquer pedaço". Aí ela escrevia seus fragmentos e pedia para a Olga Borelli guardar numa pasta A ou B. A pasta A virou "A hora da estrela", que ela teve tempo de revisar e a pasta B resultou em "Um sopro de vida", que foi a Olga Borelli que remontou depois da morte da escritora. Isso mostra como os trechos podiam caber num ou noutro espaço ficcional. Talvez porque no fundo a busca é da mesma "coisa", do mesmo núcleo ou fundamento do ser. Daí a sua procura

FERNANDA:

E com sentido.

BOLETIM:

Isso me traz imagens de sala de criança. Não é que ela ensina, mas essa experiência com criança. Talvez vocês possam falar dessa experiência, não só em sala de análise, mas em geral.

FERNANDA:

A criança tem uma capacidade para agüentar o não saber maior do que o adulto. A criança forma um jogo no aqui e agora, já o adulto apresenta mais resistências. O adulto traz, quase que pronto, o script da sessão. Cabe ao analista quebrar esse funcionamento e abrir o espaço para o novo. A criança vem para a sessão. O interessante no trabalho com criança é que o analista precisa manter sempre aberto o espaço da criatividade. A criança vem aberta, mas o analista também precisa estar aberto para viver a sessão com a criança. A Clarice Lispector ajuda o analista a manter a capacidade de agüentar o não-saber. Ela nos alimenta neste sentido. Ela convida a uma postura...

BOLETIM:

Se a gente pensar que a criança é uma "Claricinha", ela vem com esses fragmentos.

FERNANDA:

E falando: tenho muito ódio!

YUDITH:

Isso é muito importante! Nunca tinha pensado nessa relação entre a literatura clariciana e o que acontece com a criança na sessão. Você falou uma palavra muito forte, que é agüentar a atualidade das coisas. A ideia de formatar rápido, de pôr tudo na ordem, faz com que o agora se perca. Ela propõe que você fique no é da coisa. Ela fala que a palavra mais importante da língua é a palavra "é". Ser e estar sendo. E a criança tem isso muito mais que o adulto

BOLETIM:

Como foi ler os livros infantis da Clarice Lispector para seus filhos?

YUDITH:

Fiz uma experiência com o de 3 anos e com o outro, de 5. Comecei com "A mulher que matou os peixes". Não foi um bom começo, porque ele falou: "- Mas mãe, que estória triste!". Daí me arrependi e disse: "-Vamos mudar?" E ele: "- Não, eu quero saber o que aconteceu com a mulher que matou os peixes". E o pequeno, que estava do lado, falou "- Eu também quero matar os peixes..." Um queria saber e o outro queria matar! O de 5 anos estava mais preparado para acompanhar o sentimento que havia ali, enquanto o menor queria evidentemente experimentar o ato na prática. O maior não fugiu da tristeza, enquanto eu queria poupá-lo da dor e da culpa dessa mulher que matou os peixes, mas que matou sem querer. Ela esqueceu de dar comida quando o filho se ausentou. Esse livro faz sucesso nas escolas. Já ouvi experiências em que as crianças constroem uma espécie de julgamento teatral da narradora, se é culpada ou não. Levantando a questão sobre a intenção dos

comportamentos e da moralidade, da justiça.

BOLETIM:

Ela não consegue se justificar no conto. Sempre tem um amor com certa escorregada.

YUDITH:

Amor com farpas, como "Os desastres de Sofia".

BOLETIM:

Você não sente uma coisa nem falsa nem verdadeira de culpa. Ela tenta se justificar e mostrar que é boa, mas ela não está tão incomodada. Ela está mais incomodada com o julgamento das crianças.

YUDITH:

Na verdade, fala da ambigüidade em Clarice Lispector, uma das figuras fortes da escrita dela.

BOLETIM:

Ela tenta, conta como se fosse explicar. Mas o conta uma meia explicação. Adorava o cachorro, mas o deixa na Itália. Tem sempre algo duvidoso, que realmente não te convence. Acaba na dúvida se ela não é má mesmo.

BOLETIM:

Ela traz a questão da ambivalência. Não a leitura infantil da Cinderela, "felizes para sempre", mas a galinha que ama é a mesma que vai ser cozida.

YUDITH:

O tempo todo ela está transita entre extremos, mostra o quanto queremos reduzir as coisas a pólos absolutos do tudo ou nada, bom ou ruim. Mas as coisas não são absolutas, elas se compõem de polaridades antitéticas. E isso é um trabalho que a análise também faz: o fato de algo ter sido de uma certa forma na vida não quer dizer que vai ser sempre assim. Eu me analiso muito através dos textos dela. Às vezes, preciso ler tal conto da Clarice Lispector para me recolocar em certas situações. Aliás, os paradoxos também são imagens constantes da obra

dela "A paixão segundo GH" está cheia de imagens contraditórias: "Horível mal estar feliz", "aterradora liberdade que pode me destruir", "inferno de vida crua". Ou ainda "felicidade insuportável", do conto "Amor". A Clarice é uma escritora das intensidades. Não se sai imune à sua leitura; ela nos faz sair do apaziguamento. Isso é o que ela chama de "mal", revirar o "status quo". Ela inverte o sentido do que comumente achamos que é o "mal". Para a sociedade estabelecida, o mal é sair dos enquadres. Para ela, é estar preso aos rótulos. Assim a escrita dela é promotora de crescimento.

BOLETIM:

Quais os estilos que ela usa?

YUDITH:

Não sei bem o que ela faz para produzir esses efeitos. Essa é uma das perguntas mais difíceis da crítica literária. Talvez alguns exemplos ajudem a investigar o seu estilo tão singular. No conto "A fuga", da década de 40, uma mulher casada resolve sair de casa, separando do marido com quem está casada há anos e fica algumas horas na praça. Aí ela imagina o que diria aos passantes que a olham e vem uma frase: "Eu era uma mulher casada. Agora sou uma mulher". É só isso. Ela tirou um adjetivo e tudo mudou. Tirou um acessório do substantivo. Você tira o ornamento e você é você. É uma artimanha de linguagem. "A paixão segundo GH" começa e termina com 6 travessões. Ela não obedecia à gramática e criava novos campos de significação para além dos clichês.

FERNANDA:

O livro "Uma Aprendizagem" ou "O livro dos prazeres" começa com uma vírgula. Comecei a ler Clarice por esse livro. Ele é o pior segundo a crítica, porque é o que dá mais respostas. Interessante que ao ver que começava com uma vírgula, comecei a procurar a página que imaginava faltar. "-Como assim?" Não entendia. Até que eu pude me dar conta de que se tratava de um

contexto da vida. A vida não começa com Era uma vez. A narrativa inicia num determinado momento e o que se passou antes fica fora. Não faz parte do conhecimento do leitor.

YUDITH:

A gente põe ponto, vírgula, para organizar o que é inorganizável.

BOLETIM:

Se a gente conseguir ser Clarice Lispector, a gente não fica com a expectativa de que o paciente chegue e comece em algum lugar.

BOLETIM:

O desejo do analista cai por terra. - O analista, segundo Lacan, deve pontuar a fala do paciente. Às vezes, onde o paciente põe um ponto final, o analista pode pôr uma vírgula, como a Clarice, que pontua as frases dela de forma criativa, abrindo novas saídas.

FERNANDA:

O silêncio pode fazer parte da sessão.

YUDITH:

O silêncio não é a morte, é a potencialização do dizer. Para ela, o silêncio é o modo mais pleno de significar, porque contém virtualmente tudo. O silêncio é o espaço em que tudo é possível.

BOLETIM:

Vocês querem finalizar ou a gente encerra, simplesmente pára, como a Clarice Lispector?

YUDITH:

Sim, com vírgula, dois pontos ou travessão.

Fernanda Mara Colucci Fonoff
Psicóloga, mestre em Teoria Literária, especialização em Psicanálise da Criança pelo SEDES, formação em psicanálise pela SBPSP, formação em letras-lingüística.

Yudith Rosenbaum
Psicóloga, mestre e doutora em Letras. Professora de literatura brasileira no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP.

"JÁ QUE SE HÁ DE ESCREVER, AO MENOS QUE NÃO SE ESMAGUE COM AS PALAVRAS AS ENTRELINHAS"

CLARICE LISPECTOR CITADA EM DIÁLOGOS

Será que poderíamos parafrasear Clarice dizendo: "já que se há de interpretar, que ao menos não se esmague com as palavras a experiência"? E ainda ter em mente com ela a importância da atualidade, do "é", ficar no momento da experiência em curso, no ser e estar sendo?^{1,2} Será que o convite de Clarice não é fundamental para aquilo que é a essência da nossa prática diária com psicanálise?

Releitura fascinante esta de DIÁLOGOS, na qual podemos acompanhar as conexões feitas pelas "dialogantes" entre literatura e psicanálise, ambas vida e expressão do humano, sendo a psicanálise ainda um método de investigação do mesmo. Nos comentários tecidos pelas colegas podemos observar o impacto que os textos de Clarice causam no leitor, refletir a respeito daquilo que gera este estado de coisas, as aberturas e rupturas, e tentar apreender o que na construção do próprio texto possibilita isto – todas estas questões nos remetem a tantas outras da nossa clínica cotidiana e são muito caras a nós, psicanalistas praticantes.

O analista, como o escritor, também trabalha com palavras e procura um outro nível de linguagem, além da fática. Também para ele é através das imagens, que vão se formando em sua mente ao longo da comunicação verbal do seu paciente, que ele vai poder alcançar um outro sentido desta comunicação, o sentido inconsciente ou latente, que não é dado somente pelas

palavras.

Penso, diferente de Judith, que assim como na literatura Clarice não se propõe a "decifrar mistérios", também a psicanálise convive com essa restrição, e é sempre útil para nós psicanalistas darmos ao nosso 'não-saber' o seu devido lugar, que não é pouco nem pequeno. E aqui me refiro tanto às questões teóricas, quanto aos momentos que passamos com nossos analisandos, adultos ou crianças, conhecidos de longa data ou recém-chegados ao trabalho psicanalítico.

Muito importante para nós psicanalistas é também a atitude que Fernanda destacou em Clarice, chamando-a de "maternal", atitude que ela parece transmitir ao leitor concomitantemente à apresentação crua da tantas agruras e de muitas situações dolorosas, do não-saber e da dor psíquica. Penso entender o que Fernanda quis dizer, mas não usaria "maternal" para tanto, pois esta palavra pode ser entendida como uma atitude de proteção evitativa. Sugiro pensar em acolhimento, ou ainda numa relação de continente-contido³, na qual o psicanalista não se coloca como aquele que vai proteger ou resolver e solucionar, não vai aliviar a dor e nem desvendar os mistérios, não tem a posse de uma interpretação capaz de mudar o paciente e revolucionar sua vida, mas pode começar por oferecer ao analisando uma relação que contenha experiências dolorosas, dor psíquica e

não-saber, dando-lhe a oportunidade de se desenvolver por si próprio a partir disso. Em psicanálise isso tem sido descrito como o "desenvolvimento do pensamento a partir do não-seio"⁴.

Ressalto ainda outra idéia apontada por Judith em Clarice e tão presente em psicanálise desde os seus primórdios. Refiro-me ao fato dessa autora presentificar sem pudor a "precariedade" humana ou como falamos entre nós, o nosso desamparo, a "Hilflosigkeit" em Freud⁵. A luta contra essa emoção tão perturbadora gera uma gama infindável de defesas, descritas detalhadamente por Klein⁶ como controle onipotente, cisão e negação, e se apresentando mais superficialmente nas diversas formas de acessórios e adendos falsos, como "máscaras, pretensões, certezas, autoridades, titulações, posições hierárquicas e sociais, etc.", em resumo, falsos-selves como os chamava Winnicott⁷.

Isso é válido para o analisando como para o psicanalista, pois esse também precisa se confrontar com sua precariedade, sobretudo em sua "confortável poltrona psicanalítica". Caso contrário, corre o risco de se tornar um psicanalista distante de dor e não-saber, e assumir despercebidamente uma posição de autoridade onipotente no seu saber.

Somente abrindo mão destas certezas e se dispondo a "ser", abrindo mão da expectativa de

curar seu paciente e querer que ele solucione seus conflitos, abrindo mão então do seu desejo e se dispondo a acompanhar o analisando no seu, só assim ele pode estar pronto para a psicanálise, naquilo que ela é, a vida, colocando vírgulas e travessões e nunca pontos-finais.

Obrigada, Judith, Fernanda e Clarice!

¹ Aponto ao longo do texto algumas referências em psicanálise para o leitor interessado

² Bion, WR (1965) Transformations. Londres: Heinemann Medical Books

³ Bion, WR (1962) Learning from experience. Londres: Heinemann Medical Books.

⁴ Bion, WR (1962) Learning from experience. Londres: Heinemann Medical Books.

⁵ Freud, S (1927) Inibição, Sintoma e Angústia. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago.

⁶ Klein, M (1934) Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivos. In Contribuições à psicanálise. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

⁷ Winnicott, DW (1960) Distorção do ego em termo de falso e verdadeiro self. In O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

... E O DIA DURARA QUANTO QUEIRAS.

DENISE DE SOUSA FELICIANO

O quinto planeta era muito curioso. Era o menor de todos. Mal dava para um lampião e o acendedor de lampiões... (...)

Quando abordou o planeta, saudou respeitosamente o acendedor:

- Bom dia. Por que acabas de apagar teu lampião?
- É o regulamento – respondeu o acendedor. – Bom dia.
- Que é regulamento?
- É apagar meu lampião. Boa noite.

E tornou a acender.

- Mas por que acabas de acender de novo?
- É o regulamento – respondeu o acendedor.
- Eu não compreendo – disse o príncipezinho.
- Não é para compreender – disse o acendedor. – Regulamento é regulamento. Bom dia.

E apagou o lampião.

Em seguida enxugou a fronte num lenço de xadrez vermelho.

- Eu executo uma tarefa terrível. Antigamente era razoável. Apagava de manhã e acendia à noite. Tinha o resto do dia para descansar e o resto da noite para dormir...

- E depois disso, mudou o regulamento?
- O regulamento não mudou – disse o acendedor. – Aí é que está o drama! O planeta de ano em ano gira mais depressa, e o regulamento não muda!

- E então? – disse o príncipezinho.

- Agora, que ele dá uma volta por minuto, não tenho mais um segundo de repouso. Acendo e apago uma vez por minuto!

- Ah! Que engraçado! Os dias aqui duram um minuto!
- Não é nada engraçado – disse o acendedor.
- Já faz um mês que estamos conversando.
- Um mês?

- Sim. Trinta minutos. Trinta dias. Boa noite.

E acendeu o lampião.

O príncipezinho considerou-o, e amou aquele acendedor tão fiel ao regulamento. Lembrou-se dos pores-do-sol que ele mesmo produzia, recuando um pouco a cadeira. Quis ajudar o amigo.

- Sabes? Eu sei um modo de descansar quando quiseres...

- Eu sempre quero – disse o acendedor.

Pois a gente pode ser, ao mesmo tempo, fiel e preguiçoso.

E o príncipezinho prosseguiu:

- Teu planeta é tão pequeno, que podes, com três passos, dar-lhe a volta. Basta andares lentamente, bem lentamente, de modo a ficares sempre ao sol. Quando quiseres descansar, caminharás... e o dia durará quanto queiras.

Saint-Exupéry – O Pequeno Príncipe

Estamos cercados de “pequenos príncipes”. São nossos pequenos pacientes, filhos, sobrinhos e filhos de amigos que nos apresentam o sábio olhar que a ingenuidade lhes confere. A ingenuidade da infância, livre dos enredamentos criados inutilmente pelo mundo adulto, pode oferecer a liberdade por vezes perdida e a capacidade de poder ver o essencial.

O acendedor de lampiões é o modelo emblemático da agitação que o mundo contemporâneo nos impõe e que impomos às nossas crianças no tempo sem tempo pelo qual nos deixamos conduzir e conduzi-las. Nossos dias não são diferentes dos do acendedor de lampiões e acabamos por deixar que a “falta de tempo” nos domine e justifique os encontros adiados, os telefonemas não feitos, os amigos que não vemos, o brincar com nossos filhos, deixar de lado as tarefas inadiáveis e lhes desenhar um carneiro. Estamos continuamente acendendo e apagando um lampião que nos escraviza e nossas noites não passam de um breve piscar de olhos.

Mas o Pequeno Príncipe, em sua liberdade de poder ver o mundo despido de suas complexida-

des inócuas, propõe ao acendedor do quinto planeta recuperar a liberdade: Basta andares lentamente, bem lentamente, de modo a ficares sempre ao sol. Assim, a criança lhe convida a se apropriar de seu próprio tempo, dirigindo com seus próprios passos o ritmo possível que lhe dê luz, clareza de pensamentos, de escolhas e de se apropriar de si mesmo. Ficar sempre ao sol é poder enxergar o seu próprio caminho e definir o ritmo de seu caminhar. É deixar a luz iluminar o que é - de fato - essencial.

Às vezes me vêm imagens de um relógio cujos ponteiros não podem ser vistos, em razão da velocidade com que giram. Quase sufocada por essa imagem do que fazemos do nosso tempo, tenho ímpetos de me guiar por ampuhetas, como se fossem mais lentas, como se segurassem o tempo. A imagem da areia escorrendo dá a ilusão de um tempo mais lento, talvez porque a concretude de “ver o tempo passar pelo funil de vidro” tenha o tom lúdico das experiências infantis. Brincar com “o tempo” pode resgatar em nós a atemporalidade da infância, a curiosidade do investigar e o divertir-se na brincadeira de controlar o tempo, que o amplia na elaboração interna que acompanha todo brincar e permite a experiência de viver e ser.

Viver o essencial é multiplicar o tempo, e sair do automatismo das buscas desenfreadas a serviço de preencher as faltas não toleradas, não vividas, frustrações insuportáveis para um mundo que busca a plenitude absoluta. Eleger o que nos é essencial, fazer escolhas em meio a multiplicidade de estímulos que nos capturam à nossa revelia é poder andar lentamente mantendo-nos à luz. E é esse tempo crescido pelo resgate do sentido que reaviva os sentidos perdidos na velocidade: escutar, escutar-se, enxergar, enxergar-se. E os dias serão longos...

E ainda evocando a nostalgia, a velocidade que impede o não escutar me faz lembrar as antigas vitrolas de discos de vinil e a brincadeira de

infância de mudar a rotação do prato que virava o disco. O aumento da velocidade impedia que escutássemos a melodia, produzia sons bizarros, engraçados, brincalhões para uma criança curiosa que experimenta, mas que poderia ser muito incômodo se ocupasse em definitivo o lugar da canção.

Essas questões me evocam à frase em latim non ducor, duco, adotada pelo município de São Paulo. Na história de São Paulo a inscrição no brasão representava a conquista da posse pós-bandeirantes, o dinamismo e movimento como essenciais ao progresso. Conceito que não se restringe a São Paulo, mas ao mundo contemporâneo da velocidade, em uníssono com os avanços tecnológicos que tornaram o necessário dinamismo como motor do progresso num movimento desenfreado, representando um mundo que não dorme – porque os dias são curtos – impondo-nos um ritmo no qual a expressão latina tornou-se paradoxal, pois hoje somos conduzidos pelo excessivo movimento – como o acendedor do quinto planeta – escravos de um regulamento de tempo que se impõe sobre nós e nos exaure. Non ducor, duco.

A proposta do Pequeno Príncipe é também um paradoxo: de um lado se libertar de regulamentos automatizados buscando o pensamento, por outro a proposta onipotente de burlar o tempo e mantê-lo sob o controle absoluto de se obter prazer: Lembrou-se dos pores-do-sol que ele mesmo produzia, recuando um pouco a cadeira. Se em sua tristeza ele gostava de ver o por do sol, achou um jeito de poder tê-lo enquanto quisesse, sem a frustração de ver o sol se por e esperar que ele venha novamente por si mesmo.

Conduzir ou ser conduzido não podem ser conceitos absolutos de bem ou mal-estar, assim como o tempo lento ou rápido também não o são em si. Poder estar sempre ao sol, é estar em intimidade com o nosso próprio tempo interno e nos perguntar a cada instante “onde estou?”.

PERFIL DO DEPARTAMENTO POR SEUS MEMBROS

É com muita satisfação que vejo os dez anos de nosso Departamento. Lembro-me que, inicialmente, sua criação não era uma demanda do Curso de Psicanálise de Crianças que funcionava em quatro anos, acompanhado pela produção de eventos. Que bom que ousamos! Embora compartilhássemos da idéia de uma formação continuada, e houvesse o pedido e o desejo da instauração de espaço para poder inserir as pessoas que haviam passado pelo curso de formação, nós, professores do curso, tínhamos que fosse um projeto muito ambicioso e não se sustentasse. Diferentemente do Curso de Psicanálise que deu origem ao Departamento de Psicanálise, nosso curso era bem menor e não dispúnhamos de um corpo de ex-alunos que pudesse nos ajudar nas atividades envolvidas nesta implantação. Assim, os setores inicialmente foram coordenados por professores procurando criar esta condição. A valorização da prática clínica e da articulação teórico-clínica refletiu-se na forma de organização das atividades propostas pelos setores e de articulação dos mesmos. Atualmente, já temos setores coordenados por membros ex-alunos assim como professores envolvidos em atividades bem mais diversificadas que exclusivamente suas aulas no curso. Há anos participando da coordenação do curso em sua interface com o Núcleo de Cursos do Instituto, tenho podido, deste lugar, com satisfação constatar a afinação da formação promovida em nosso Departamento e o projeto do Sedes com vistas ao futuro: "O Sedes é um espaço de formação que representa alternativas pessoais e grupais à corrente de "mercantilização" da educação e da saúde. Não queremos ser uma Central de Cursos. O Instituto Sedes Sapientiae, através de seus setores, representa o local que visa à ampliação e continuidade de formação iniciada nos cursos, bem como modos de pertinência e filiação a um saber/fazer clínico que seja referência profissional". Parabéns, Departamento de Psicanálise da Criança!

Maria Dias Soares

Acredito que todos os colegas que fizeram parte da turma/94 concordarão comigo que não há como desvincular as memórias desta época com a presença, hoje feita ausência, de Maria Cecília Mazzilli Comparato. Acredito também, que posso repartir com todos, a idéia de que homenagear o Departamento de Psicanálise da Criança corresponde por mérito e gratidão, referendar a importância de Cecília Comparato na criação original do curso que hoje é o eixo central, bem como do próprio Departamento. Nem todos sabem, mas no início o curso era denominado: Psicodinâmica da Criança. Cecília nos contava que convidou os nossos colegas psicanalistas Afrânio, Lia e a Ada e o curso transformou-se no: Psicoterapia Psicanalítica da Criança que assim permaneceu até a 10 anos atrás, quando por mérito de Cecília e todos os professores e membros desta época, após várias reuniões, chegaram ao consenso da atual e merecida denominação: Departamento de Psicanálise da Criança. Portanto caros colegas, todos nós que de alguma forma colaborou neste projeto, não apenas em sua criação, mas que até hoje permanecem oferecendo uma parcela do seu tempo de vida à manutenção da dinâmica que envolve o funcionamento operacional do Departamento, por vezes árdua, estaremos sendo homenageados. Congratulamo-nos mutuamente e a Cecília a nossa homenagem de gratidão feita saudades. Muitos de vocês não acharão pretensioso o fato de incluir-me neste discurso, pois desde o meu ingresso no Sedes, em 1991 como aluna e até hoje como Membro Efetivo, tornei-me uma colaboradora atuante e apaixonada. Não pensem também que estou só neste discurso; conheço colegas que diriam o mesmo. Senão como explicar horas e horas do nosso parco tempo, gratuitamente, na tentativa de manter a eficácia e/o desenvolvimento do Departamento, fracionado em seus cinco Setores: Curso; Clínica e Pesquisa; Comunicação e Publicação; Extensão e Eventos. Quando em 1991 escolhi o Curso, ora a dez anos transformado em Departamento de Psicanálise da Criança, percebi a importância das escolhas que fazemos, pois nelas reside a importância da trajetória da própria vida. Ao terminar a minha formação já havia na minha vida a inclusão das vidas de amigas que perduram com importância no tempo e com o passar do tempo foram sendo acrescidas de outras mais. Esta é uma riqueza adicional e imprescindível na trajetória da escolha profissional quando feita no lugar certo, no momento exato e no tempo mesurado e determinado pelas próprias escolhas ao longo do tempo em seus três tempos: passado, presente e futuro. Do passado fica a saudade daqueles que quis a vida que a vida lhes fosse roubada. Do presente faço das palavras o verbo transformado em ação: um abraço com afeto a todos que compartilham da alegria e júbilo pelos dez anos e para o futuro o desejo feito colaboração para que todos mantenham a trajetória do Departamento de Psicanálise da Criança como um pólo de referência e excelência em meio a tantas outras escolhas que outras vidas possam fazer. Eu me parabeno pelas escolhas feitas! Parabeno a todos colegas e/ou amigos! Também aceito os parabéns pelos dez anos!

Dione Maria Pazzetto

Nesse nosso mundo em veloz transformação, debruçar-se sobre as formas como se constituem os sujeitos psíquicos e são produzidas subjetividades não é uma tarefa fácil e impossível de se realizar solitariamente. Nesse sentido, a construção de um espaço de permanente interrogação e interlocução a respeito dos olhares sobre a infância e o infantil é fundamental para fazer valer a proposta psicanalítica. Tendo o perfil da diversidade, constituído por psicanalistas das diversas tendências teóricas, o Departamento de Psicanálise da Criança busca por escapar tanto dos dogmatismos quanto de uma mistura de semióticas.

Marcia Porto Ferreira

"Ao fazer a retrospectiva dos eventos realizados, me deparei com o caminho trilhado e fiquei feliz ao constatar um crescimento que, podemos ver hoje, é consistente e cuidadoso. Destaco a importância do processo vivido que, por fim, permitiu uma nova forma de entrada para membros, para além do Curso de Especialização. Também me chama atenção a diversidade de espaços de trabalho e cursos existentes (de extensão, aperfeiçoamento e do Departamento). Ainda somos poucos fazendo muito, mas penso que hoje já existe um campo imantado, que faz liga e nos mantém, com prazer, neste projeto."

Maria do Carmo Dittmar (Lila)

Sou membro do Departamento de Psicanálise da Criança desde o meu ingresso no curso. A Psicanálise tem feito parte de minha vida pessoal e profissional de forma bastante intensa. Hoje estamos em vários projetos com a nossa ONG, divulgando e ajudando a comunidade de três regiões da Capital em suas dificuldades e suas dores psíquicas. Quero deixar aqui registrado minha eterna gratidão pela equipe do Departamento. Parabéns ao departamento de Psicanálise da Criança e que muitos anos se repitam, realizando novos projetos e efetivando a Psicanálise da Criança na vida de todos nós. Com grande admiração,

Creuza Fujimoto

O Departamento de Psicanálise da Criança é um lugar que viabiliza a realização de projetos, a reflexão sobre nossa prática, a interlocução com pares, a acolhida de mestres. Um lugar de inserção institucional e, simultaneamente, da criação das modalidades possíveis dessa inserção, levando-nos a pensar, propor e experimentar de que modo podem se produzir efeitos dentro e fora de suas fronteiras. Em síntese, o Departamento de Psicanálise da Criança é um lugar que possibilita a discussão sobre nosso lugar.

Adela Stoppel de Gueller

Tempo de festejar, dez anos de fundação do Departamento de Psicanálise da Criança e é com grande alegria que participo desta comemoração, pois a história do departamento se encontra no alicerce de minha formação como psicanalista, sempre lembrado e guardado com todo carinho que ele representa. Em tempo, ainda uma criança, porém com ares de maturidade e preparo para crescer cada vez mais.

Élcio Mascarenhas

O Departamento tem voltado seus esforços na criação de um espaço singular na comunidade psicanalítica da clínica com crianças, dedicando-se à formação de analistas, ao fomento de projetos de trabalho, de estudo e de pesquisa, e, fundamentalmente, instituindo possibilidades de interlocução para essa especificidade da clínica psicanalítica.

Alessandra Barbieri

10 anos de departamento! Muitos anos antes disso integrei-me à equipe dos professores do curso de especialização, inicialmente chamada por Afrânio, em função do meu trabalho com psicoterapia de grupo e com crianças... Muita água correu desde então, transformando o perfil do curso e me transformando também. Vejo agora que com grande esforço construímos nesses 10 anos as bases do nosso Departamento de Psicanálise da Criança. Entendo que seja o seu principal compromisso contribuir com o nosso trabalho e empenho para uma formação séria, sólida e ética de profissionais que se dedicam ao campo da Psicanálise da Criança, criando sempre mais e novos espaços de aprimoramento, reflexão e investigação. Nossa atividade nos exige um profundo investimento pessoal e uma contínua formação e sobretudo pares com quem possamos trocar, construir e nos desenvolver. E penso que é este o sentido do Departamento. Nesse sentido quero deixar registrado aqui e hoje meu sincero agradecimento a todos, amigos, colegas, alunos e ex-alunos, que nestes anos de convívio me deram talvez uma das coisas mais importantes: a oportunidade de poder aprender! Grande abraço a todos e que continuemos a trabalhar para a consolidação do Departamento!

Elsa Vera Kunze Post Suemihl

Quando entrei no SEDES para fazer o Curso de Formação em Psicanálise da Criança, não podia imaginar o quanto esse lugar faria parte de minha história e ocuparia em mim lugar tão significativo. Fiz grandes amizades, com quem compartilho o contínuo aprendizado e vivo bons momentos científicos e sociais. Isso é o Departamento!

Denise de Sousa Feliciano

No Vale a Pena Conferir desta edição, o Boletim escolheu a obra do cineasta sueco **INGMAR BERGMAN**, morto este ano, como recomendação de bom cinema aos nossos leitores. Reconhecido como um dos maiores e mais influentes diretores do cinema moderno, Bergman, que fez carreira também como dramaturgo e na direção de óperas, retratou com maestria a condição humana, na dor e no desespero, na comédia e na esperança.

O sueco faz parte do seleto grupo de gênios do cinema que falam à alma e sobre a alma humana com delicadeza e precisão. O ritmo muitas vezes lento e sombrio de seus filmes traz um acento peculiar às questões existenciais que eles abordam: mortalidade, solidão, sexo e destino. Vale a pena conferir *O Sétimo Selo*, *O Silêncio*, *Fanny e Alexander*, *Gritos e Susurros*, *Sonata de Outono*, *Morangos Silvestres*, *Cenas de um Casamento*, para citar alguns dos mais conhecidos.

FILME:

FANNY AND ALEXANDER (*Fanny och Alexander*)
Ingmar Bergman, 1982.

O tema das comemorações dos dez anos do Departamento de Psicanálise da Criança é o Tempo. Voltamos então para 1982, ano do lançamento deste filme, para homenagearmos o diretor sueco Ingmar Bergman.

"Tudo é sonho e verdade. Tempo e espaço não existem. Sobre a frágil base da realidade, a imaginação tece sua teia e desenha novas formas, novos destinos" (Strindberg em "O Sonho"). Com essa citação, a matriarca Helene

Ekdhal, com seu neto deitado ao seu colo, finaliza esse belíssimo filme.

Fanny & Alexander é cheio de simbolismos, que por sua vez abrem espaço para diferentes interpretações. Trata de diversos assuntos como: tolerância, submissão, mentira e verdade, privação, respeito ao próximo, busca dos desejos, luta pela garantia de poder ser, enganos, luto... Enfim, Bergman conseguiu, através do recorte da história de uma grande família aristocrática, retratar tantos conflitos inerentes aos seres humanos.

A escolha deste filme dentro de toda a filmografia do diretor é porque ele se desenha através dos olhos de uma criança, o garoto Alexander, que vai incluindo toda sua família: tios, avós, primos, pais, empregados, família do padrasto, amante de sua avó e sua irmã Fanny, para tecer a história.

Às vezes, tem-se a impressão de estar assistindo a uma peça de teatro, devido à primorosa atuação de todo o elenco.

A fotografia é de excelente qualidade, assim como figurino, como se o filme tivesse sido efetivamente rodado em 1907, ano em que se passa a história, com tecnologia dos anos 2000. Mais um truque do tempo.

Bergman trata com delicadeza os sentimentos humanos que vão aflorando na sua obra, utilizando-se da plasticidade cênica para dar mais ênfase aos elementos abordados. Num ritmo sossegado, ele desenvolve seu roteiro como se estivéssemos participando de uma experiência estética, no sentido de poder, por três horas, escapar do modo alucinado-de se viver os nossos

tempos, e aproveitar dela para fazer algumas reflexões.

Do filme, extraem-se diversas mensagens; podemos ficar com uma delas: que o tempo pode ser um aliado para o amadurecimento, uma possibilidade para fazer ou refazer melhor.

Marcia Rozemberg

FILME:

O SÉTIMO SELO (*Det Stunge Ingseglet*)
Ingmar Bergman, 1956.

Escrever qualquer palavra sobre alguma obra de Bergman torna-se tão absurdo para mim quanto querer me manter impávido frente aos seus filmes. Pode-se ter o direito de gostar ou não do que se vê, pensá-lo como complexo ou talvez o mais simples dos diretores de cinema, cabe qualquer opinião a respeito de sua obra, mas parece que, ao tentar capturar o clima que envolve cada cena, entender seu enredo e qual sentido a seguir, fica a impressão de estar sempre sendo raso demais frente à profunda teia de símbolos que ele tece com maestria. Escolher *O Sétimo Selo* foi uma forma de tentar dar conta do primeiro impacto que este me causou há tanto tempo e que, com grande surpresa, ao revê-lo, parecia que tinha se mantido intacto ao longo dos anos, coisa que acontece ao se deparar com uma obra-prima.

Dentre todas as verdades da vida, podemos quase que pôr em dúvida a todas: qual o seu sentido, o porque do seu destino, escolher quais das suas realidades a seguir, qualquer forma de existência, mesmo aquela tão preciosa à humanidade, quer seja a existência de Deus ou o porquê

do diabo. Porém, uma única consegue escapar a todo e qualquer questionamento e à relativização: a existência da morte como única verdade que iguala tudo que está vivo, tudo que se pensa como existir.

Nessa magnífica obra, dentre tantas outras magistrais desse produtor de sonhos, está colocado o enigma em jogo: em um tablado xadrez, enfrentam-se face a face, vida e morte. Mas, no contrário de uma representação comum de morte, ela está viva, sorradeira, contínua como a linha do tempo, fazendo-se perceber em cada detalhe, no entre as palavras, gestos, silêncios, sons, luzes e sombras, olhares e semblantes. Num mundo de matizes em preto e branco, o tempo é o de agora, sobrando pouco espaço para o passado e o futuro, um instante etéreo como a própria existência.

São tantas as questões quanto são inúmeras as possibilidades de respostas, ficando um resto que nunca poderá ser apreendido, real do homem e de sua maravilhosa capacidade de pensar e sentir. Só resta agradecer por sua coragem de nos revelar o mais que humano em nós e o convite a trilhar por tantas jornadas capturadas em sua cinematografia.

Élcio Mascarenhas

TRIBUTO A SILVIA BLEICHMAR

No Departamento de Psicanálise da Criança, ela esteve em um de nossos eventos. Ele aconteceu há três anos. Mas, para muitos de seus membros, ela era presença antiga e constante nos percursos teóricos pela Psicanálise, especialmente no que se refere à clínica com crianças. "Nas origens do sujeito psíquico – do mito à história" (1987) foi uma obra fartamente trabalhada por Ana Maria Sigal no curso Psicanálise – Teoria e Clínica, de onde vários professores do Curso de Psicanálise da Criança têm sua origem. Lembro-me que uma cópia xerox em espanhol circulava por muitas ávidas mãos. Já o "Fundação do inconsciente – destinos da pulsão, destinos do sujeito" (1992) nos apareceu na sua versão final em português. Tão denso quanto instigante, teve muitas de suas questões mais claramente retomadas e ampliadas na "Clínica Psicanalítica e Neogênese." (2000). Sobre o último livro de uma coleção que não se resume à esses citados, "Paradojas de la sexualidad masculina" (2006), vários dos remanescentes participantes de seus seminários teórico-clínicos têm atualmente mais detidamente se debruçado.

Numa de suas vindas ao Instituto Sedes Sapientiae, há quatro anos, formulei o pedido para que Silvia pudesse coordenar mais um grupo de estudos aqui em São Paulo. Ela "topou" imediatamente. Incansável profissional, não se furtava de repetir que esses seminários eram para ela inesgotável fonte de reflexão e refinamento de suas idéias. E era assim mesmo que nos sentíamos: sorvendo de um nutritivo manancial ao mesmo tempo em que, juntos, semeávamos novos alimentos e cozinhávamos novos pratos. Embora nem todos estivessem desde o início ou até o último seminário, Mary

Ono, Lila, Maria Dias Soares, Josefina de Carvalho (Jô), Cecília Comparato, Wagner Raíña, Francisco Guido Motta e eu, membros desse departamento, estivemos nos reunindo trimestralmente aos domingos (pasmem!) com Silvia Bleichmar. E, apesar do esforço por termos que renunciar a preciosos momentos de lazer e descanso, muito nos sentíamos gratificados com o prazer que nos suscitava sua riqueza de idéias e de humor.

Silvia Bleichmar não foi apenas uma grande pensadora. Era uma valiosa cidadã, sempre muito ocupada e preocupada com as vicissitudes do mundo contemporâneo.

Para pensar e entender os fenômenos desses nossos dias, seus textos traduzem uma rigorosa discussão sobre a feitiçeira metapsicológica, mais particularmente dedicada ao processo de constituição do aparelho psíquico, sublinhando as implicações históricas e coletivas na produção de subjetividades.

Ela tinha duas paixões declaradas: a psicanálise e a Argentina. Penso que muitas outras paixões a moviam. Para mais longe e melhor percorrer o campo da Psicanálise, ela visitava muitos territórios, principalmente o da sociologia, da história, da filosofia, sempre com muito vigor, voz e passos fortes e decididos.

E, quando, em consequência da ditadura militar, teve que se afastar da Argentina e exilar-se no México, não se omitiu a prestar grandes contribuições àquele país. Lá, dirigiu o programa de assistência psicológica às crianças vítimas do terremoto de 1985. De volta à Argentina, em 1994 participou do projeto de ajuda aos afetados pela bomba que destruiu a mutual judia AMIA.

Demonstrou, assim, que onde estivesse, onde vivesse, sempre se movimentaria implicada e passionadamente. Clara prova disso é o seu aclamado livro "Dolor País", de 2002. Sobre ele, Alberto Dines escreve:

"A psicanalista argentina Silvia Bleichmar, humilhada pela curva ascendente do risco país, tirou do fundo da alma portenha a dolorosa pergunta: e como se mede a dor país? Como aquilatar a quota diária de afrontas sofridas por aqueles que não têm trabalho, agora não têm aposentadoria e, porque foram bem alimentados há várias gerações, sequer podem dar-se ao luxo de morrer de inanição?... A dor país elaborada na Argentina precisa ser ouvida e percebida aqui, neste vasto território do não-me-importismo, onde o que vale não é o grito mas o dernier cri, o modismo mais recente, a palavra de ordem mais quente. O drama surdo e a tragédia silenciosa aqui não ressoam. O que se passa além da esquina não comove. Este é um risco que o nosso risco país não detecta mas pode ser arrasador!"

Silvia Bleichmar assessorou secretarias e ministérios argentinos na prevenção da violência escolar e no atendimento à vítimas do incêndio de Cromaion. Em 2006, foi agraciada pelo prêmio Konex em Psicologia e declarada Cidadã Ilustre da Cidade de Buenos Aires.

A insuficiência desse meu panorâmico relato sobre a valiosa produção de Silvia Bleichmar se torna menos criticável ao indicar o site dessa autora, alimentado constantemente por seu marido, admiradores e amigos: www.silviableichmar.com.

Nesses dez anos do Departamento de Psicanálise da Criança, gostaria de dedicar um dos nossos brindes, um dos nossos agradecimentos a essa intensa e extensa psicanalista que tão sabiamente viveu seus sessenta e dois anos e que, certamente, continuará viva entre seus inúmeros admiradores. Que sua força e determinação, aliados a uma sólida consistência intelectual, sempre nos acompanhe na permanente construção desse nosso espaço de reflexão e de produção, dedicado à Psicanálise da Criança. Uma criança elevada à dignidade de sujeito complexo, contextualizado, enigmático, instigante.

Marcia Porto Ferreira

• Grupo Acesso premia e é premiado:

O Grupo Acesso – Estudos, Intervenções e Pesquisa sobre Adoção da Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae, constituído por membros dos Departamentos de Psicanálise da Criança e Formação em Psicanálise, está em festa. Soprando as velinhas de dez anos, juntamente com o Departamento de Psicanálise da Criança, tem muito a comemorar.

A pedido da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), o Grupo Acesso colaborou com uma campanha, por ela organizada, a favor da desinstitucionalização de crianças. Essa campanha chamou-se "Mude um destino". Nosso trabalho consistiu na elaboração de uma cartilha sobre a adoção de crianças e adolescentes no Brasil, que foi distribuída a abrigos e ao poder judiciário, por todo o país. Solicitaram também, para apontarmos indicadores de qualidade no acolhimento de crianças em situação de risco social em abrigos coletivos, assim como nas ações realizadas pelo poder judiciário, mais especificamente pelas Varas da Infância e da Juventude. Esses indicadores seriam norteadores para a premiação a três abrigos e três equipes jurídicas que se destacassem por todo o Brasil, por revelarem experiências subjetivantes, criativas e multiplicadoras. Além disso, participamos, num trabalho não menos árduo do que os anteriormente citados, da comissão que elegeu os vencedores do concurso. Dia 7 setembro, estivemos em São Luiz do Maranhão para a entrega dos prêmios. O Grupo Acesso recebeu uma placa de agradecimento pelo trabalho realizado.

Enfim, estamos ousando escutar algumas inusitadas demandas e descobrir, no próprio caminho, o que e como a psicanálise tem a contribuir junto a práticas que, em seu afã de propor medidas de proteção à infância, acabam por produzir

silenciamentos e surdez diante de ruídos subjetivantes. uma placa de agradecimento pelo trabalho realizado.

Nesses dez anos do Grupo Acesso, constituído exclusivamente por psicanalistas, membros dos Departamentos citados, esgarçamos nossas interrogações sobre o campo da Psicanálise, mais especificamente das subjetividades em constituição na infância. Ousamos pensar e realizar uma clínica dentro e fora dos moldes das psicoterapias propriamente dita, para levar a ética da psicanálise a outros territórios, a outros discursos. E é nessas idas e vindas, de acessos nem sempre fáceis, que damos continuidade à permanente construção do nosso saber e nosso fazer psicanalítico.

Componentes do Grupo Acesso:

Cíntia Calamino, Cynthia Peiter, Claudia Murta, Cristina A. de Souza, Gabriela Malzyner, Elaine A. Ferreira, Inês Fassina, Lia Rudge, Ligia Silber Rabinovitch, Lílian Mello, Lindilene T. Shimabukuro, Mara Lúcia Evangelista, Márcia Porto Ferreira, Márcia Regina da Silva, Maria de Fátima Ventura, Maria Luiza de Assis Moura Ghirardi, Sandro Andrade

• Lia Pitliuk coordenou seminários clínicos no CEP – Centro de Estudos Psicanalíticos. agosto-setembro 2007.

• Ada Morgenstern está ministrando o 5. módulo do curso de Psicanálise da Criança na Clínica Dimensão em Goiânia. Julho, agosto e setembro.

• Ada Morgenstern esteve em Cuiabá dando prosseguimento a seminários sobre temas de Psicanálise da Criança, que vêm acontecendo desde 2006, a um grupo de psicanalistas de crianças.

• Adela de Stoppel Gueller participou da matéria "Pais ausentes, filhos dependentes" na revista +Atitude, Ano I, no. 3; julho 2007.

• Adela de Stoppel Gueller participou no Colóquio sobre "A linguagem nas psicoses infantis: clínica interdisciplinar" junto com Silvana Rabelo e Julieta Jerusalinsky no Centro de Estudos Mauro Spinelli, São Paulo. 18 de agosto de 2007.

• Bernardo Tanis publicou "O reino imaginário". In *O livro de ouro da psicanálise*, organização de Manuel da Costa Pinto. São Paulo: Editora Edouard.

• Bernardo Tanis participou do 45º Congresso de Psicanálise e especificamente dos encontros do Psychoanalysis and Culture Committee promovido pela Associação Psicanalítica Internacional em Berlim, Alemanha. 25 a 28 julho de 2007

• Bernardo Tanis participou como um dos supervisores (visão freudiana) do evento "Um caso clínico sob três visões teóricas, Freud, Klein Winnicott", promovido pela Associação de Psicoterapia Psicanalítica. 1 de Setembro de 2007.

I JORNADA ESPAÇO POTENCIAL WINNICOTT
10 DE NOVEMBRO DE 2007

A I Jornada Espaço Potencial Winnicott: Diversidade e Interlocução reflete a maturidade alcançada pelo grupo desde sua fundação até o momento atual, em que os conceitos de transicionalidade, mutualidade, criatividade, e muitos outros, tomaram forma e constituíram vivamente este Espaço-tão-Potencial.

O que se pretende por meio deste encontro, que reúne diversos profissionais e trabalhos articulados, é proporcionar um diálogo em torno das contribuições winnicottianas. Os trabalhos abrangem desde a relação mãe-bebê até a vida cultural compartilhada. Os palestrantes são estudiosos da obra de Winnicott de São Paulo e de diversas regiões do Brasil. Contaremos também com a participação da Dra. Susana Jallinsky, pediatra e psicanalista de Buenos Aires.

Fundado em 1999, o Espaço Potencial Winnicott, vinculado ao Departamento de Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae, caracteriza-se como um espaço horizontal de reflexão sobre o pensamento de Donald W. Winnicott no Instituto Sedes Sapientiae. Além de propor-se a estudar a obra deste autor, busca uma interlocução com a diversidade de profissionais, teorias e práticas contemporâneas, bem como a difusão do pensamento winnicottiano.

COMISSÃO ORGANIZADORA:

vide site: www.sedes.org.br/eventos

ORGANIZAÇÃO GERAL:

Afrânio de Matos Ferreira

ORGANIZAÇÃO PELO SETOR DE EVENTOS:

Dione Maria Pazzetto Ares

Tempo para comemorar. Caros colegas do Departamento e alunos dos diferentes cursos, não é sem muito esforço e dedicação que chegamos ao dia de hoje.

O Departamento de Psicanálise da Criança teve sua origem no Curso de especialização em Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae. Esse Curso representa uma iniciativa ousada e consistente de promover o início de uma formação psicanalítica que desde o início esteja vinculada ao campo da Psicanálise com Crianças. Iniciativa pioneira cujos resultados estão à vista de todos aqueles que hoje entram em contato com os colegas egressos do curso e com a rica vida científica que movimenta o nosso Departamento.

Um dos diferenciais e pilares do nosso Curso e do Departamento, em relação a outros espaços de formação, é oferecer um eixo de formação pluralista que leva em consideração os diferentes modelos teórico-clínicos produzidos ao longo dos mais de 100 anos da existência de nossa disciplina. Reconhecemos que a riqueza e evolução da psicanálise está na multiplicidade de suas abordagens. Em tempos de fanatismos e dogmas, percebermos cada vez mais a relevância clínica e teórica desta postura.

O Departamento nasce e desenvolve-se como espaço de formação permanente e acolhimento dos diferentes interesses, produções e projetos de seus membros no campo da Psicanálise com Crianças. O Boletim faz parte deste empreendimento e cumpre com muito sucesso a importante função de ser um canal de divulgação e reflexão sobre nossa instituição e atividades dos seus membros. Assim também o fazem os setores de extensão, eventos, clínica, diferentes grupos de

estudos, espaço potencial e cursos coligados.

Mas se temos muito para comemorar, temos também uma vasta tarefa pela frente. Essas tarefas envolvem tanto a consolidação do Departamento, o incremento do número de membros ativos e participantes, como uma reflexão sobre os desafios que o nosso campo nos oferece. Neste sentido, seguem alguns pontos que considero que hoje enfrentamos e que farão parte de nossas reflexões futuras nos diferentes setores de nosso Departamento.

- Especificidade e diferenças da Psicanálise com Crianças daquela com adultos. Complexidade do seu objeto de estudo: criança, pais, família.
- Diferentes concepções sobre a estruturação do aparelho psíquico que conduzem a modalidades diferentes de intervenção. Como lidamos com essa pluralidade?
- Especificidade dos modos de expressão e os modos de leitura: jogo, desenho, palavra. Aprofundar a interface com a cultura como modo de apreensão dessas produções.
- Relação entre a organização cognitiva da criança e a intervenção do analista. Temos trabalhado pouco esse tema.
- Clínica institucional, grupos.
- Efeitos dos modos de subjetivação contemporâneos na clínica cotidiana. Como mudanças na estrutura familiar e na própria concepção de família afetam os processos de constituição do psiquismo.

- Invariância ou não de certos conceitos psicanalíticos consagrados.

- Especificidade dos campos versus diluição dos limites face ao número de profissionais que atendem a criança: fonoaudiólogos, psicopedagogos, etc.

- Relação com as neurociências: neurologia, psiquiatria.

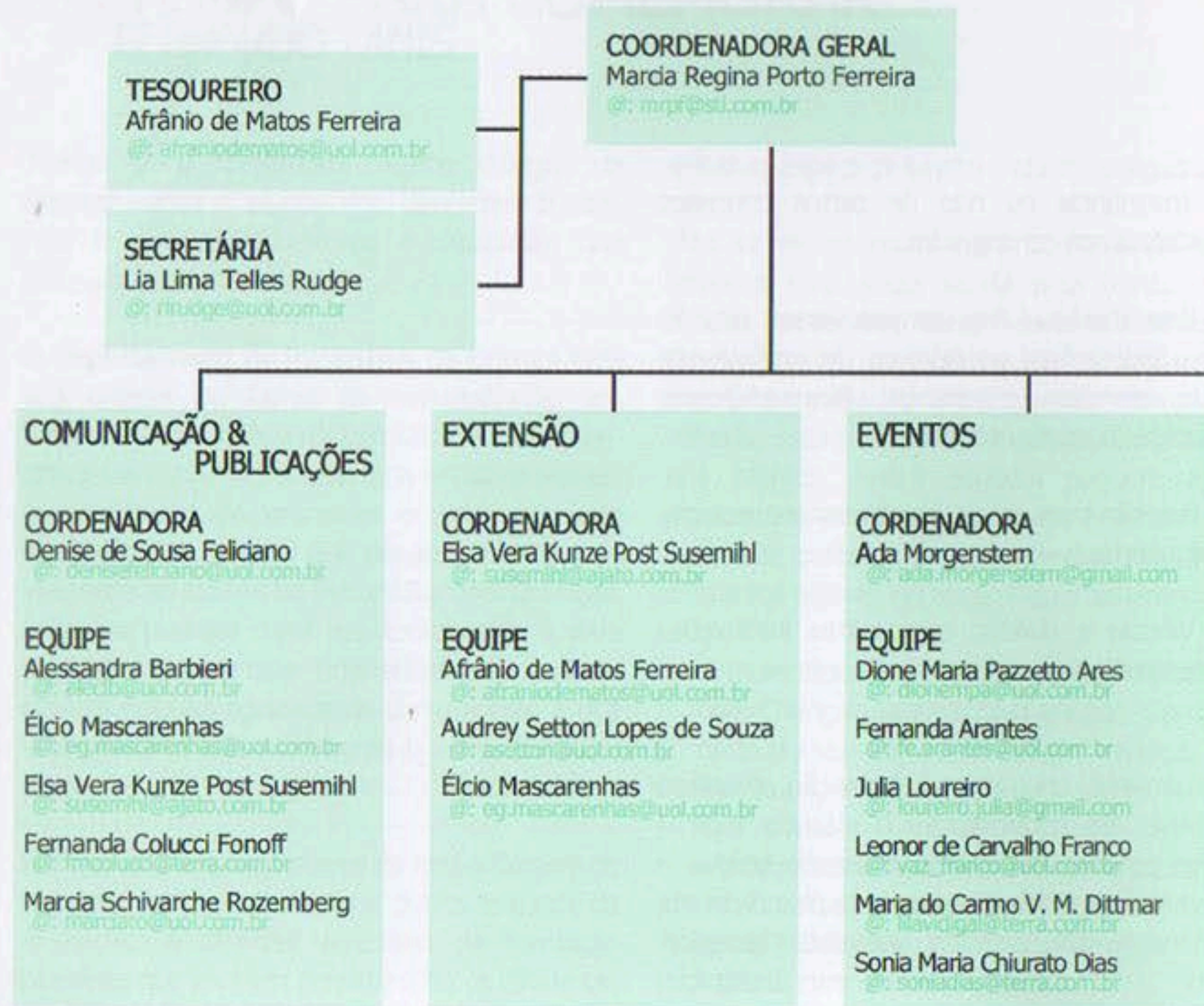
- Vínculo e diálogo com outras instituições psicanalíticas.

E, finalmente, chegamos à formação, processo que leva em consideração o clássico tripé – análise pessoal, supervisão e estudo teórico – mas que é ampliada e enriquecida pelo o debate permanente das questões assinaladas anteriormente e o clima reinante na Instituição formadora.

Tempo para crescer. A maioria acrescenta novos desafios e uma maior responsabilidade nas tarefas que temos pela frente, aliados ao prazer e aos embates da produção coletiva.

Meus votos de que na comemoração dos seus próximos dez anos, o Departamento possa ter acolhido e realizado grande parte do que esperamos dele.

Parabéns a todos os membros!
Com muito carinho,
Bernardo Tanis



SENDO MEMBRO DO DEPARTAMENTO, VOCÊ PODERÁ:

- Integrar os Setores
- Participar como colaborador das atividades promovidas pelo Departamento (ex: apresentação de trabalhos em jornadas internas, publicação de artigos e ensaios no Boletim, etc.)
- Participar dos Fóruns internos do Departamento
- Participar das Assembléias e ter direito a voto
- Obter desconto nas atividades promovidas pelo Departamento e em Parcerias

SEJA UM MEMBRO!

Para ser membro efetivo, basta entrar em contato com a secretaria do SEDES, preencher a fische pertinências e pagar a anuidade.

Pré-requisito: Ser aluno ou ex-aluno do curso de Psicanálise da Criança

REPRESENTANTES EM OUTRAS INSTÂNCIAS:

NÚCLEO DE DEPARTAMENTO
Lia Lima Telles Rudge

NÚCLEO DE CURSO
Maria Dias Soares

GRUPO DE ARTICULAÇÃO (RJ)
Adela Stoppel de Gueller
Ada Morgenstern
Mary Ono

O Boletim mantém o conteúdo original dos textos recebidos com respeito ao estilo pessoal dos seus autores.